

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS

DÉBORA DE BRITO SOARES
EVELEN BRASIL LAZAMÉ

O CORTIÇO: POSSIBILIDADES DE LEITURA EM SALA DE
AULA DO ENSINO MÉDIO

MACAPÁ

2015

Débora de Brito Soares

Evelen Brasil Lazamé

**O CORTIÇO: POSSIBILIDADES DE LEITURA EM SALA DE
AULA DO ENSINO MÉDIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras-Inglês, da Universidade Federal do Amapá como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Regina Lúcia da Silva Nascimento

**MACAPÁ
2015**

GRADECIMENTO

A Deus por ter nos dado saúde e força para superar as dificuldades que surgiram nessa jornada.

Aos nossos familiares por todo amor, incentivo e apoio incondicional.

À nossa orientadora Prof^a. Dr^a. Regina Lúcia da Silva Nascimento, pela oportunidade e apoio na elaboração desta pesquisa.

Aos membros da Banca Examinadora, pelas colaborações relevantes e enriquecedoras.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho, a nossa formação acadêmica.

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a refletir acerca da importância do uso do texto literário nas aulas de literatura, baseando-se, especificamente, na obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Esta obra foi escolhida por fazer uma observação direta da realidade. Este foco de estudo teve seu despertar com a experiência das pesquisadoras na disciplina Estágio Supervisionado, na qual elas se depararam com um ensino de literatura que deixava de lado a razão de ser do estudo literário, a leitura das obras. Dessa forma, começou-se a pesquisa de campo com o acompanhamento das aulas de literatura em uma turma do 2º ano do Ensino Médio na escola estadual Augusto Antunes, situada na cidade de Santana, estado do Amapá. Utilizando-se de instrumentos de coleta de dados como: questionários, observação das aulas e intervenção com a leitura e discussão da obra *O cortiço*. As pesquisadoras passaram a vivenciar o uso dado a obra literária, bem como as dificuldades e necessidades de se mantê-la.

Assim, a partir dos dados, realizou-se a análise das perspectivas que cercam a leitura e a reflexão literária em sala de aula. Destacando as razões para que esta prática seja sempre mantida e estabelecida como o centro das aulas de literatura e, assim, os estudantes possam apossar-se dela. Afinal, a leitura literária fomenta o referencial de vida e o conhecimento de seus leitores tornando-se imprescindível para a formação humana.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Leitura literária, Formação do leitor.

ABSTRACT

This research aims to reflect about the importance of using literary texts in literature classes, relying, specifically, on the work *The Tenement* of Aluísio de Azevedo. The composition was chosen for making a direct observation of reality. This study focus had his awakening from the experience of researchers in the Supervised Internship discipline in which they came across with literature teaching that left aside the reason for being of literary study, reading the compositions. In this way, began fieldwork with the monitoring of literature classes in a class of 2nd year of high school in the state school Augusto Antunes, in the city of Santana, state of Amapá. Using data collection tools such as questionnaires, observation of classes and intervention with reading and discussion of the composition *The tenement*. The researchers began to experience the use made of the literary composition, as well as the difficulties and needs to maintain it. Thus, from the data, they performed the analysis of the prospects surrounding the reading and literary reflection in the classroom. Highlighting the reasons for this practice be always maintained and established as the center of literature classes. After all, the literary reading fosters the referential of life and the knowledge of their readers becoming essential for human development.

KEYWORDS: Reading, Literary reading, Reader training.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELA-----	6
INTRODUÇÃO-----	7
1. CAPÍTULO-----	9
1. LEITURA-----	9
1.1. BREVE HISTÓRICO-----	9
1.2. A PRÁTICA DA LEITURA-----	12
1.3. A LEITURA E A ESCOLA-----	15
1.4. A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA (NO SÉCULO XXI)-----	18
2. LITERATURA-----	19
2.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES-----	20
2.2. A LEITURA LITERÁRIA-----	23
3. A FORMAÇÃO DO LEITOR-----	33
3.1. COMO SE FORMA UM LEITOR?-----	37
2. CAPÍTULO-----	43
1. PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS-----	43
2. A RAZÃO DA PESQUISA-----	46
2.1 A ESCOLA- CAMPO-----	46
2.2 A TURMA-----	47
2.3 A PROFESSORA-----	48
3. PASSO A PASSO DA COLETA DE DADOS-----	48
3.1. QUESTIONÁRIOS-----	48
3.2. OBSERVAÇÃO DA DINÂMICA DA SALA DE AULA-----	52
3. CAPÍTULO-----	53
3.1. DISCUSSÃO DA LEITURA DO LIVRO <i>O CORTIÇO</i> -----	53
3.2 UMA LEITURA DA OBRA <i>O CORTIÇO</i> PELA TURMA-----	54
CONCLUSÃO-----	69
REFERÊNCIAS-----	71
APENDICE-----	74

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Você gosta de ler?.....	48
GRÁFICO 2- Para você ler é?.....	49
GRÁFICO 3- Com que frequência é lido ou discutido o texto literário (poema, contos, romances) em sala de aula?.....	50

INTRODUÇÃO

Este trabalho construiu-se a partir das inquietações das pesquisadoras a respeito da leitura literária dentro da sala de aula e a contribuição da mesma para a formação do leitor, uma vez que, a disciplina literatura no decorrer dos anos tem deixado de lado seu caráter formador e tem se centrado apenas no estudo de conteúdos historiográficos com nomes de autores e obras das escolas literárias. Por este motivo, decidiu-se investigar a importância da leitura literária na formação do leitor, por meio do uso integral de obras literárias, observando como ela ocorre dentro de sala de aula e sua relevância. Para isso, utilizou-se a obra *O Cortiço* como fomentador dos processos estudados.

Ao adentrar em uma sala de aula, percebe-se que o ensino da disciplina de literatura é um “jogar” de conteúdos que envolvem história, escolas literárias, autores e obras. O que ocasiona a desvalorização da leitura literária no ambiente escolar, fazendo com que a mesma, e a própria literatura, perca sua importância para os alunos. Sabe-se que esses conteúdos ensinados aos alunos são relevantes, porém, não podem ser tidos como únicos, pois, cabe a literatura a árdua função de formar leitores, porém como formar leitores, se não há a prática da atividade de leitura literária dentro de sala? E se há, como ocorre? Quais as implicações que ela tem? Essas questões o trabalho procura discutir.

Foi percebido tanto no estágio como no período em que as pesquisadoras estiveram dentro da sala de aula, para a coleta de dados, que os professores, em sua maioria, utilizam o texto literário, porém, em fragmentos, e ao pedir para os alunos interpretarem, usam o livro didático como norteador da atividade, prejudicando a interpretação do aluno que é obrigado a seguir as questões fechadas que os livros propõem. Sem poder colocar suas inferências, por tentar enquadrar-se ou “adivinhar” as respostas dadas pelo livro.

Com os dados coletados, segue para a conclusão de que o uso da obra na íntegra contribui para que os alunos possam construir suas inferências a partir da leitura da obra literária. Para que os mesmos possam posicionar-se diante de temáticas que são abordadas nela e que podem fazer parte da realidade em sua volta.

Assim sendo, é possível utilizar a leitura literária para formar bons leitores que possam ser críticos, autônomos exercendo sua cidadania de forma participativa e atuante.

Metodologicamente, este trabalho adotou a pesquisa etnográfica, a pesquisação, com coleta de dados por meio de questionário, observação e intervenção. Tendo como quadro teórico, autores que abordam a leitura e a leitura literária como uma atividade relevante para o ambiente escolar e a sociedade: Vicent Jouve, Annie Rouxel, Regina Zilberman, Antônio Cândido, Rildo Cosson, Marisa Lajolo.

Dessa forma, o trabalho está dividido em três partes: no primeiro capítulo é apresentado um breve histórico sobre leitura e discussões acerca da leitura literária, como ela ocorre dentro da sala de aula e suas implicações. No capítulo seguinte, trata-se a respeito do tipo de pesquisa escolhida para nortear o trabalho e como ocorreu o desenvolvimento da pesquisa (a coleta de dados, observação e intervenção). No terceiro e último capítulo é feita a análise da discussão sobre a leitura da obra *O Cortiço* realizada pelos alunos em sala de aula.

1. CAPÍTULO

1. LEITURA

1.1. BREVE HISTÓRICO.

A atividade da leitura surgiu desde o início da humanidade quando o homem sentiu necessidade de comunicar-se e passou a ler os desenhos rupestres que eram deixados em cavernas como forma de alertar ou lembrar algo. A leitura de códigos e símbolos perdurou por muitos séculos como forma de representar acordos e contratos. Mas é no império babilônico, segundo registros antigos, que os sumérios revolucionaram a prática da leitura ao passarem a associar o som a unidade de pensamento e atribuir a ele um símbolo gráfico.

Na Grécia antiga, período que, segundo o historiador Mário Schmidt (1999, p. 14) data desde 1.100 a.C. até a dominação romana em 146 a.C., a leitura ganhou contornos marcantes. Naquela época, a leitura era um bem aquisitivo só da aristocracia e dos filósofos. Neste momento consta, surgimento de bibliotecas, como a de Alexandria, um dos imponentes modelos helenísticos.

Essas bibliotecas eram consideradas como *universais* e *racionais*. *Universais* devido à responsabilidade de conservar os livros mais importantes de todos os tempos e conhecidos mundialmente, como, por exemplo, os primeiros estudos sobre as ciências exatas, trigonometria, astronomia, geometria, bem como estudos de idiomas, literatura e medicina (naquela época, papiros e pergaminhos); e *racionais*, por causa da redução que esses livros sofriam ao passarem por uma organização, uma classificação que os dividia segundo: autor, obra e conteúdo (CHARTIER; CAVALLLO, 2001).

Neste período, também existiam as academias, nas quais os filósofos repassavam seus conhecimentos aos seus “pupilos” (jovens aprendizes). Esses conhecimentos eram repassados de forma oral, ou seja, esses jovens eram leitores/ouvintes, pois as leituras que eles faziam era a partir do que ouviam de seus mestres, já que, apesar da existência das bibliotecas, o acesso ao texto ainda era bastante limitado.

No Império romano, período que, segundo o historiador Mário Schmidt (1999, p. 23), durou do ano 27 a.C. até o ano 476 d.C, saber ler era uma garantia dos direitos patrícios, ou seja, da inserção do indivíduo na sociedade. A leitura designava os “educados” e comprovava que além desta qualidade, essas pessoas tinham todas as capacidades tanto físicas como intelectuais e espirituais para adentrarem a classe de pessoas consideradas cidadãos naquele período.

Por meio do cristianismo, houve maior difusão da leitura devido a distribuição do novo testamento, pois os propagadores do evangelho acabavam por alfabetizar seus fiéis, mesmo que de forma não intencional, uma vez que essa alfabetização não era fornecida pelos sábios da época. A partir disso, a leitura passa a ser acessível para todas as pessoas da sociedade.

Na Idade Média, dos 476 d. C. até 1453 d. C, conforme Schmidt (1999, p.18), o cristianismo é o principal viabilizador da multiplicação das técnicas pedagógicas que focavam o ensino da leitura por meio de orações e textos religiosos. Tanto era o empenho da igreja nesse sentido que as bibliotecas só existiam dentro dos mosteiros. Segundo Cláudio DeNipoti (1996, p.84), *buscava-se a identificação com as escrituras sagradas, fosse associando-se o alfabeto aos dez mandamentos, fosse através de uma pedagogia que se equiparasse temporalmente à criação*. Infere-se que de todas as formas o cristianismo tentava aproximar as pessoas da religião, compreende-se que era uma estratégia para a igreja cristã ganhar mais adeptos e seguidores.

Um fato importante, a se mencionar nesse período, foi a criação da tipografia que contribuiu para que vários livros que antes eram apenas feito de forma manuscrita pudessem ser impressos, aumentando o número de materiais religiosos para os recém-leitores. Porém, o momento mais marcante nesse período foi a mudança no modo de ler.

A leitura em voz alta, única prática aceita até então, perde sua hegemonia dando espaço para a leitura em silêncio que era proibida por ser considerada causadora de sonolência e também por não permitir que o ouvinte intervisse caso o leitor lesse alguma heresia.

Segundo Alberto Manguel (1997, p. 32)c, *a leitura silenciosa permite a comunicação sem testemunhas entre o livro e o Leitor e o singular ‘refrescamento da mente’, na feliz expressão de Agostinho*. Pois, leitura em silêncio dava total

liberdade para a leitura de textos que agradassem o leitor, uma prática que mudou o padrão que era vivenciado até então.

Já na Idade Moderna, período que, segundo o autor Schmidt (1999, p.18), durou de 1453 d. C. até 1789 d.C., foi marcada pela invenção da imprensa através do alemão Johannes Gutemberg, no século XV. Conforme é dito pelos estudiosos da história, isto trouxe contribuições para que houvesse uma maior disponibilização e divulgação de obras, tornando a leitura mais acessível a um público maior.

A partir desse período até a contemporaneidade, a leitura segue abrangendo cada vez mais leitores, ganhando novas funções e sentidos. No entanto, é possível observar, empiricamente, que a leitura ainda é excludente como nos períodos da antiguidade, já que existem pessoas não alfabetizadas e as não letradas que continuam ficando a margem da sociedade, por não dominar a prática.

Outro fato que tem se mantido, é o uso do método da decodificação para alfabetizar. Segundo a autora Maria Helena Martins (2007), a leitura continua sendo dividida em três momentos: decorar o alfabeto, soletrar e após isso, iniciar a decodificação de palavras e frases soltas até chegar aos textos.

A prática tem permanecido, apesar dos esforços que os estudiosos fazem para mudar esse paradigma com pesquisas que visam trazer métodos mais eficientes, para que o ato de ler seja ensinado de maneira mais eficaz, contribuindo para que o aluno não aprenda apenas a leitura decodificada, mas também aprenda a ler de forma mais profunda ampliando suas possibilidades de interpretação.

O problema é que os professores não conseguem abrir mão do modelo pronto e já muito bem aceito por todos. Conforme Martins (2007, p. 23):

Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume a decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes.

Compreende-se que a autora descreve uma situação decorrente há muito nas escolas, uma vez que, no ensino da leitura literária ainda persiste uma metodologia arcaica, a qual os professores não conseguiram deixar de lado. Apesar de que hoje existam estudos que visam “libertar” os educadores desse padrão, infelizmente isso de fato ainda não ocorreu. E como resultado desse processo, têm-se alunos que saem das escolas sem saber desfrutar todos os benefícios que a leitura pode proporcionar.

Pois o que acontece são reformulações, que Martins (2007) define como *douramento da pílula*, de técnicas que na teoria trazem novas ideias, mas na prática chegam sempre ao mesmo ponto: a leitura como decodificação das palavras. Por mais que existam professores que desejam um novo método, a maioria ainda está presa ao modelo arcaico, sem expectativas de mudanças.

1.2. A PRÁTICA DA LEITURA

Verifica-se, pelas práticas escolares adotadas, que o conceito de leitura muitas vezes se resume só em saber decodificar signos linguísticos. Vários teóricos, como as autoras: Martins (2007), Lajolo (1991), Cosson (2014), que têm se dedicado aos estudos dessa área, apontam para conceitos que não lançam por terra os já existentes, porém, não os veem como únicos.

Muitas são as teorias e suas ramificações. E por mais diferentes que os percursos desses estudos sejam, todos chegam a uma só conclusão: que ler não se restringe somente à linguagem verbal, mas envolve também a linguagem não verbal.

Com base nesses autores, é possível inferir que na linguagem verbal, ler é decodificar o código, porém a leitura não fica restrita apenas a isto, ler também é ir ao profundo do texto conseguindo compreendê-lo, construindo, assim, impressões próprias segundo vivências particulares. No que se refere à linguagem não verbal, ler é saber entender um mapa, um quadro, a mão e o mundo ao seu redor.

Para Martins (2007), a leitura é um processo que não se resume apenas a decodificação de textos escritos, feita só por pessoas denominadas letradas (que são aquelas que conseguem decodificar os signos linguísticos). Segundo a autora, a leitura não é só um processo de decodificação, mas também, é um processo de compreensão, de dar sentido a “expressões simbólicas e formais” representadas pela linguagem escrita ou não, que ocorrem entorno do leitor. Nesta visão, são relevantes todos os tipos de experiências vividas pelo mesmo, desde seu nascimento até a velhice, uma vez que elas contribuem na construção do sentido das obras que esse indivíduo ler.

Assim sendo, pode-se concluir que, antes de se aprender a ler o texto escrito, o aluno de forma autônoma já está habituado a fazer outras leituras não verbais dentro do seu contexto social. E isso pode ocorrer antes do contato com a escola. Helena Martins (2007, p. 12) também discute este ponto e afirma:

Os estudos da linguagem vêm revelando com maior ênfase, que, aprendemos a ler apesar, dos professores; que, para aprender a ler, e compreender o processo da leitura, não estamos desamparados, temos condições de fazer algumas coisas sozinhos.

Ainda, segundo a autora, *decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível*, ou seja, a decodificação está ligada diretamente à compreensão, pois, não há decodificação sem compreensão, da mesma forma que não há compreensão sem decodificação.

Vicent Jouve (2002, p. 17) analisa a leitura como *complexa, plural e que se desenvolve em varias direções* e fundamentado em Gilles Thérien que diz: “*Pour une sémiotique de la lecture*” [“Por uma semiótica da leitura”] atribui a leitura um processo com cinco dimensões:

I. *O processo neurofisiológico*, que considera a leitura um ato concreto, que para se efetivar depende do funcionamento do aparelho visual e das diversas funções do cérebro.

II. *O processo cognitivo*, por meio do qual, o leitor decifra os signos e tenta compreender do que se trata.

III. *Processo afetivo*, do qual partem as emoções e sentimentos.

IV. *Processo argumentativo*, considera o texto como algo que nasceu de um planejamento, “de uma vontade”, de uma organização de ideias, sendo que o mesmo é sempre analisável.

V. *Processo simbólico*, que acomoda o sentido do texto ao contexto cultural em que o leitor evolui.

Nota-se o quanto a leitura exige do seu leitor, despertando e desencadeando todos esses processos.

Assim, para Jouve (2002), o ato de ler não está preso somente à decodificação, mas perpassa por essas cinco dimensões para que a leitura possa ser concretizada. Nota-se que a decodificação compõe um dos processos (cognitivo), não sendo o mais importante, porém, complementando o conjunto.

Como o autor afirma a *leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. A obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário* (JOUVE, 2002, p.61), assim sendo, nestes aspectos, o leitor deixa de ser o receptor passivo que apenas lê sem

compreender de forma efetiva e passa a interagir com o texto ao unir a sua visão a cerca dele às suas perspectivas.

Paulo Freire (1989, pg.9) ao afirma: *a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquela*, acredita que o homem faz dois tipos de leituras, uma leitura dos textos escritos e a outra das experiências que o indivíduo vivenciou desde o seu nascimento até o fim de sua vida. Sendo que, a leitura destas vivências e do contexto social em que está inserido ocorre antes da leitura da linguagem escrita, uma vez que, uma dá continuidade à outra.

O leitor, então, ao dar significação ao texto passa a vivenciar o mesmo. Marisa Lajolo (1993, p.15) afirma a importância dessa transposição: *ou o texto dá sentido ao mundo ou ele não tem sentido nenhum*, podendo exprimir, assim, suas impressões através da compreensão, trazendo-o à sua realidade.

Rildo Cosson (2014) ao focar a questão social apresenta a leitura como uma *consequência* que parte da necessidade de um grupo social manter a comunicação com seus membros e fora dele. Nesse caso, o autor descreve três modos de compreender a leitura, que precisam ser pensados de forma linear, são eles:

A primeira etapa, que vamos chamar de *antecipação*, consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de entrar no texto propriamente dito. [...] A segunda etapa é a *decifração*. Entramos no texto através das letras e das palavras. Quanto maior é a nossa familiaridade e domínio delas, mais fácil é a decifração. [...] Denominamos a terceira etapa de *interpretação*. Embora a interpretação seja com frequência tomada como sinônimo de leitura, aqui, teremos que restringir seu sentido às relações estabelecidas pelo leitor quando processa o texto. (COSSON, 2014, p. 40)

Considera-se, então, a etapa da antecipação como, aquilo que o leitor traz consigo a respeito do texto, as intenções e objetivos que quer com a obra, avaliando o aspecto visual, quantidade de páginas, título e afins. A segunda etapa é a velha questão já debatida por outros autores, a decodificação, que se faz necessária para a concretização da leitura, para que o leitor possa ter uma boa compreensão dela. E a terceira, a interpretação, que aqui se direciona ao caso da interação entre autor-leitor-comunidade depende de todo o contexto vivido tanto pelo autor como pelo leitor.

Tomando como base os autores, aqui, mencionados, pode-se inferir que a antiga concepção da leitura que se restringe apenas ao texto escrito está bastante ultrapassada. E com os avanços nos estudos com relação à leitura, a visão sobre este assunto está cada vez mais ampla. Cada teórico traz a sua concepção e todos apontam para uma conclusão: a leitura é muito mais do que se tem ensinado, ela já não pode mais ser vista e ensinada de forma rasa priorizando o decodificar. A leitura é ir além disso. O ato de ler engloba todos os tipos de linguagens, tanto a verbal como a não verbal.

Apesar de todas estas novas pesquisas as quais afirmam que a leitura é um processo que se inicia bem antes do leitor ter contato com o texto escrito e que sua concretização depende das vivências e experiências do leitor, o método instalado nas salas de aula e que perdura é o tradicional, no qual a atividade torna-se mecânica e ineficaz, afastando do aluno o surgimento do gosto pela leitura. E aqui nasce um questionamento, por que ainda existe o distanciamento entre a teoria e prática?

1.3. A LEITURA E A ESCOLA

Muitos são os questionamentos a respeito do ensino da leitura na escola. O que se sabe é que a maioria das instituições, principalmente as públicas, não tem cumprido seu papel em formar leitores proficientes, competentes e reflexivos. O que acarreta no aumento de leitores funcionais, aqueles que conseguem somente decodificar, porém não conseguem compreender e dar sentido ao que leem.

Desde o início dos anos escolares, no qual ao aluno é ensinado o alfabeto e as primeiras palavras (de forma mecanicista), até os últimos anos, nos quais ele é preparado para, o agora, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), este aluno é confrontado com a leitura, tendo que ler textos condensados, como os livros didáticos que estão cheios de textos curtos.

Com a desculpa que a leitura não cansa o aluno, cortam o texto ou fazem adaptações (que já são as interpretações dos autores) e/ou usam com excertos de obras literárias ou outro material. Visando à preparação para uma prova ou outra atividade avaliativa, fazendo com que o processo de leitura assumam funções que a ela não compete. Sobre isso autora Maria Magnani (2001) afirma:

Toda essa dinamicidade do processo da leitura, no entanto, acaba ficando muitas vezes, fora da escola onde a leitura assume finalidades imediatistas e utilitárias, tais como: ler para fazer uma lista de exercícios de interpretação, para estudar itens de conteúdos, para adquirir modelos de escrita, para gostar e se habituar, para conscientizar e politiza... Quer como pretexto para o desenvolvimento de objetivos e conteúdos arrolados nos programas das diversas disciplinas, quer enquanto instrumento de denúncia e conscientização, esses procedimentos não levam em conta a totalidade do texto, nem as suas possibilidades de utilização enquanto obras de linguagem. (MAGNANI, 2001, p. 50-51)

O aluno consegue perceber essa falta de sentido e isso acaba provocando nele aversão e desgosto pela leitura, pois a forma com que esta atividade é trabalhada na escola, a torna monótona, obrigatória e sem um “porquê” claro e definido. Em consequência disso, a leitura acaba passando por desnecessária, fazendo com que a mesma perca sua característica de ampliar os conhecimentos, entreter e, principalmente, de contribuir para formar o carácter crítico do aluno.

Assim, concebe-se o seguinte questionamento: quem é o responsável pelo não cumprimento de uma das mais importantes funções da instituição escolar?

Infelizmente, a palavra que pode resumir o problema é o descompromisso. No primeiro caso, da escola por não disponibilizar recursos necessários e, por conseguinte, do professor já que ele tem o objetivo de ensinar e criar meios para que o aluno se habitue e goste de ler, mas não o faz já que muitas vezes, o próprio educador não gosta de ler.

O professor, aquele que deveria ser o modelo para o aluno, sobretudo para aqueles que não têm referencial de leitura dentro de casa, não dá a importância devida ao ato de cultivar a leitura. E aqui, entra o conhecido ditado: “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Ele quer que o aluno leia, essa é a ordem, porém, nem ele sabe dar significados ao que lê. O aluno interpreta sua ação como: “se ele que é o professor não lê, imagina eu”. No caso, dentro da sala de aula e até fora, o professor é o espelho para o aluno e isto refletirá em sua prática por mais que o professor a tente esconder.

Outro problema detectado no professor é sua fonte de inspiração para fazer análise textual dentro de sala de aula. Eles se baseiam em teorias estudadas na universidade, sem dar oportunidade do aluno fazer sua leitura e a partir dela tirar suas próprias conclusões.

O problema não está na teoria que é usada, o problema está na adequação ao contexto de sala de aula, porque as teorias literárias estão adaptadas ao contexto universitário, agora, para serem usadas em sala de aula, elas precisam de readequação para que a teoria literária estudada pelo professor contribua na formação do gosto pela leitura no aluno.

Marisa Lajolo (1993) é uma autora que critica essa ação dos professores, que extraem dos seus estudos universitários técnicas de análises baseadas na teoria literária sem fazer as modificações desses textos ao contexto de sala de aula, segundo a autora:

O texto, em sala de aula, é geralmente objeto de técnicas de análises remotamente inspiradas em teorias literárias de extração universitária. Mas, se no âmbito universitário a teoria literária pode ainda preservar uma semântica geral do texto na transposição das ditas teorias para esse contexto didático esse sentido costuma ser maior costuma adelgaçar-se, rarefazer-se, a ponto de ficar quase irreconhecível. (LAJOLO, 1993, p.15)

A leitura literária é de extrema importância na sala de aula e para o processo educativo do aluno e infelizmente o que tem se observado no ambiente escolar é que o ensino da literatura e em especial da leitura literária tem entrado em decadência. Segundo Cosson (2014, p. 23), isto ocorre porque *a literatura não está sendo ensinada para garantir a palavra que nos humaniza*. Pois, um dos principais papéis do ensino da literatura, é a de sensibilizar o leitor, a de fazê-lo ser capaz de pensar e refletir sobre suas ações e as ações que ocorrem em seu redor. No entanto, este papel tem sido esquecido dentro da sala de aula.

A escola é responsável pelo ensino da leitura literária e conforme diz Cosson (2014, p. 23) que *o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola* e esta instituição precisa assumir e cumprir seu dever, pois a escola é quem está preparada para mediar e orientar o aluno, leitor em construção, a melhor forma de se propiciar de todos os benefícios que a leitura literária pode fornecer.

Vale ressaltar que, no âmbito escolar, a leitura beneficia além das disciplinas de Língua Portuguesa e/ou literatura, ela contribui para a compreensão de todas as disciplinas do currículo, haja vista, que todas cobram a leitura de textos, boas

interpretações de questões e um raciocínio lógico apurado, como no caso disciplina de matemática. Isto mostra a importância da mesma, uma vez que, além de proporcionar prazer, ela também pode contribuir no desenvolvimento escolar do aluno.

1.4. A LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA (NO SÉCULO XXI)

Desde seu aparecimento, nos primórdios da humanidade, a leitura é de suma importância na sociedade. O ato de ler tem duas formas principais de representação, uma por meio da escrita e a outra por meio da oralidade. Sendo estas modalidades, práticas bastante presentes e cobradas na era pós-moderna, saber ler tem se tornado cada vez mais essencial na vida do indivíduo pós-moderno.

Hoje em dia, a leitura é uma necessidade básica. Para identificar ou saber pedir uma informação, para saber se expressar, criar e pensar é necessário saber ler e fazê-lo de forma proficiente indo em busca da construção de sentidos, analisando, lapidando suas próprias inferências da obra que está sendo lida ou de um texto proposto. E a partir desse processo de submersão na leitura, espera-se o leitor consiga se beneficiar pela mesma tanto pelo deleite que a atividade de ler proporciona ao indivíduo, como também pela formação do leitor pensante que é capaz de atuar dentro de uma sociedade tão globalizada. E a leitura literária pode contribuir muito formação desse indivíduo.

Para Luís Britto (1999), saber ler é uma necessidade objetiva do sujeito moderno, na medida em que a leitura está implicada por muitas práticas sociais, e a impossibilidade de realizá-la impede, em alguma medida, o sujeito de participar delas. Assim sendo, a leitura é capaz de deixar a margem da sociedade pessoas que não se apropriem dela.

Segundo Jouve (2002), a leitura influencia, diverte e age sobre o leitor, se considerada uma experiência. Ela é capaz de ampliar horizontes de conhecimentos fazendo com que o leitor faça viagens inesquecíveis, sem precisar que o mesmo saia de seu lugar. Proporcionando a ele prazer e deleite, sendo que estas características fazem com que o homem seja um ser sedento pelo saber, além de desenvolver no mesmo sua capacidade criadora.

Além da criatividade, outra contribuição do hábito de ler, é a autonomia de pensamento. O ato de ler proporciona ao leitor uma independência na formulação de

suas opiniões, no posicionamento ao ter que tomar uma decisão. E este comportamento reflete diretamente na sua vida em sociedade. Um leitor proficiente não se deixa influenciar, não recua e reconhece argumentos não formulados. É o sujeito que acaba influenciando.

Este é um dos pontos mais importantes da leitura, o poder que ela propicia ao homem. Não existe nada mais perigoso para governos autoritários e corruptos que a junção de homens e livros, porque eles sabem que isto coloca em risco seu poder. Um leitor proficiente torna-se um cidadão ativo em sociedade, a qual critica, questiona e não aceita argumentos prontos, bem como não se deixa alienar por conceitos sem fundamentos e nem pela mídia. Culminando, assim, numa das principais funções da leitura: a de formar indivíduos críticos.

Por isso, desde as séries iniciais, o aluno precisa ter contato com os livros, e se a família não lhe apresenta este mundo, caberá à escola fazê-lo, e deve fazê-lo. Porque há urgência em formar leitores efetivos, e a única maneira de formar leitores é dando-lhes livros e não apenas isso, mas também mediando este contato e ensinando-os a sentirem prazer em ler.

Este gosto no ambiente escolar pode surgir através da leitura literária, que apresentará ao aluno uma leitura leve e prazerosa, mas também traz outros benefícios, como ratifica Cosson (2014, p.30)

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com a proficiência o mundo feito linguagem.

Assim, pode-se observar que se apresentada de forma adequada dentro da escola, a leitura literária propiciará ao aluno a base que possibilitará a ele, além de construir seu percurso como leitor, a compreensão melhor do mundo, conforme veremos adiante.

2. LITERATURA

2.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Quando a questão é o conceito de literatura, a dificuldade e a multiplicidade de formulações aparecem. Mesmo que a definição de literatura não seja o foco desta pesquisa. Faz-se necessário que, antes de se falar em leitura literária, sejam abordados alguns pontos principais do fazer literário os quais são essenciais para as análises feitas aqui.

Na literatura, há dois pontos de sua constituição que são inegáveis e essências para as discussões que se seguem, pois quando se fala em literatura não se pode deixar de lado o fato dela ser um produto extremamente humano e que desta forma está intimamente ligada ao ambiente social, à sociedade.

Primeiro, o ponto de partida da literatura, a sua base é a palavra e esta é inerente ao ser humano. Beth Brait (2003, p.19) registra que:

A Literatura, naturalmente, é uma das possibilidades de exploração e utilização da língua, das palavras, para uma diversidade de fins, de propósitos, os quais as teorias literárias e as teorias linguísticas, bem como outras vertentes dos estudos das línguas e das literaturas, têm contribuído decisivamente para caracterizar, pontuando as mudanças de acordo com os diferentes momentos históricos, com os diferentes povos, com as diferentes línguas, mas sempre, apesar de todas as diferenças de gêneros e conteúdos, apontando para essa marca da natureza humana que é o fazer literário, o fazer poético, fazer em que a língua, em sua modalidade escrita ou oral, é utilizada para expressar e justificar a existência humana.

O homem desde os seus primórdios escreve sua caminhada na terra consonante com a Literatura. Desde a antiguidade, seja através dos mitos, posteriormente as poesias e os gêneros que foram surgindo serviram sempre como marcas deixadas por esses indivíduos. Era a Literatura sendo utilizada pelo homem para registrar seus anseios, vivências, modelos políticos, justificar origens, moralizar, criar e etc. As obras *Ilíada* e *Odisséia* são exemplos, elas contam as origens da nação helênica, explicam a diferença entre os homens e os deuses, justificam o modelo político adotado, além de elencar, para a população, as normas de comportamento privilegiadas pela sociedade (ZILBERMAN, 2008). Através de registros como esse ver-se o homem assinalando na história seus pensamentos e construções.

Tudo isto é permitido por meio da capacidade criadora humana de imaginar os mais diversos ambientes, seres e também por meio do poder das palavras que com a capacidade de serem moldadas criam as mais diversas impressões e

significações aos leitores/ouvintes. Esta é a Literatura, que sob as mais variadas facetas exprime o ser humano e suas relações com o real e com as possibilidades do real. É o homem expressando e justificando a sua existência.

Em segundo lugar, Antônio Candido (2000) reitera que a literatura é um produto social que exprime condições de cada civilização em que ocorre. A Literatura marca o estar no mundo das civilizações. Independente da cultura, região, língua ou crença. A marca literária se faz presente desvelando essas sociedades.

E essas várias facetas literárias não servem só como registros para serem simplesmente contempladas e admiradas. A Literatura sendo um produto essencialmente humano e social requer a ação desses indivíduos, a sua interação para fazê-la reviver em cada nova realidade. Requer uma eterna reflexão, pois ela não ensina o que é o mundo, mostrando determinada situação, querendo explicar algo, mas sim provoca a construção desse conhecimento de mundo e isto também inclui o conhecimento sobre si. Por meio dela, as portas se abrem para que as sociedades seguintes se conheçam, reflitam e reelaborem seus procedimentos rumo à manutenção e construção de seus ideais.

A literatura, assim, reflete a ação do homem e seu relacionamento com o mundo que o cerca. Funcionando como uma forma de ponte entre o ser humano e suas vivências com outros seres humanos e suas vivências. E, através desse encontro, surgem os frutos da experiência literária, a qual é renovada a cada nova leitura.

Desse modo, a literatura é um grande aliado do ser humano. Nasce com ele e o acompanha em sua jornada de crescimento pessoal e social. Nas páginas literárias, o leitor é levado desde as histórias e poemas fantásticos da infância até às leituras mais adultas. Ela o embala nessa caminhada, propiciando o encontro dele com as muitas emoções e situações trazidas.

É por este viés que se ratifica a presença da literatura na escola. Pois esta se mostra capaz de produzir e induzir a construção de conhecimento, provocando, portanto, a educação.

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusóé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. [...] a literatura faz girar os

saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis - suspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada em relação a esta [...]. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (BATHES apud DALVI, 2013, p. 71)

Como é defendido pelo referido autor, a literatura tem uma gama de conhecimentos. São os “saberes possíveis”. Nas páginas literárias esses saberes são recriados e inventados. Chegando a dizer que, se as disciplinas fossem retiradas do currículo escolar, a literatura deveria ser deixada, porque ela mescla todas as áreas do conhecimento. Possibilita esse encontro de saberes os quais são tão imprescindíveis para as novas gerações. Tudo de um modo mais leve e agradável, não com imposições.

Assim sendo, o texto literário é sempre o texto que fala sobre os seres humanos e sua multiplicidade de experiências para seres humanos que também têm suas multiplicidades de experiências e assim seus leitores são capazes de construir e lidar melhor com as diversidades encontradas em sua existência.

Encontra-se nisto a necessidade do uso do texto literário em sala de aula. Fazer com que os alunos/leitores explorem os “mundos” pelas páginas dos textos literários e com esse fazer tornem-se cidadãos mais conscientes e prontos a agir em sociedade.

2.2. A LEITURA LITERÁRIA

O estudo literário, como foi visto no tópico anterior, não tem o seu devido proveito se não tiver como base o texto literário. A leitura literária que é desenvolvida desde a mais tenra idade, fascina e envolve leitores das mais diversas faixas etárias, como podemos observar de maneira empírica. Em casa, desde os momentos antes de dormir em que os pais leem histórias para seus filhos até a idade adulta em que ele procura novos gêneros de literatura, com temáticas voltadas para sua nova condição de vida. A leitura literária mostra-se presente na vida de muitos.

No entanto, quando o assunto é a questão da sua utilização em sala de aula. A leitura literária ainda é questionada. Muitos não entendem ou não conseguem ver um valor educativo para justificar a presença dela. Pensam que estudar literatura é perda de tempo, algo supérfluo.

Por muitos não verem a devida validade na leitura literária, surgem falas como as que se seguem, e que continuam a serem ouvidas nas aulas de literatura: “Qual a importância de se estudar Os Lusíadas, escrito há tantos anos atrás? Por que tenho que ler os sonetos de Cruz e Souza, os romances de Machado de Assis e de José de Alencar? O que isto me acrescentará? Em que mudará a minha vida? Só uma nota no final do ano ou a possibilidade de entrar na universidade?”.

Essas dúvidas acerca da serventia da leitura literária na escola podem estar sendo embasada na forma como o ensino de literatura é tratado e o uso que vêm sendo feito do texto literário. Maria Dalvi (2013, p.75) faz um apanhado de como isso tem acontecido:

A aprendizagem engessada das “escolas” literárias, o pouco tempo dedicado à leitura literária e à constituição do sujeito-leitor, a fragmentação da disciplina de língua portuguesa em gramática-literatura-produção de texto, a pequena carga horária destinada às aulas “de literatura”, a pressão dos exames e processos de seleção e a adoção de resumos canhestros das obras que deveriam ser lidas, tudo isso vem coroar uma história de “fracasso” ou “insucesso”, reiterando a ideia de que literatura é algo para gente “genial” (que consegue entender aquilo que é incompreensível para a maioria), “ociosa” (que tem tempo para ficar discutindo “o sexo dos anjos”) ou “viajante” (que fica delirando/inventando/imaginando coisas onde não há nada para ser visto/percebido).

As muitas reclamações sobre estudar literatura na escola são resultados de cenários escolares como esse apresentado pela autora. Em que, com as dificuldades com carga horária, acúmulo de disciplinas e outros problemas enfrentados pelas instituições escolares, fazem com que o ensino de literatura e, portanto, o trabalho com a leitura literária se torne mecanizado e obsoleto. As aulas passam a se resumir no estudo da historiografia da literatura, com o mínimo de contato com os textos literários. E quando este contato ocorre se baseia em buscar características que provem que o texto pertence a tal autor ou a determinado movimento literário. Impedindo que se obtenham outros benefícios através dessa leitura.

Outra situação, é quando se lê a obra e a pergunta que o professor faz é: “o que o autor quis dizer nesse trecho do romance?” E o aluno se vê constrangido, já que o que ele pode dizer é o que ele próprio entendeu com a leitura e não o que o autor queria dar a entender. Em situações como esta o estudante tenta fazer a sua leitura, mas o professor a tem, muitas vezes, como errada, pois ele aceita as leituras que se aproximem da que ele tem ou da que o livro que ele toma como base prescreve.

Nestas circunstâncias, surge o pensamento de que a leitura literária é para pessoas “superiores”, inteligentes, intelectuais, criativas (geniais, ociosos, viajantes como é dito pela autora). Pessoas que conseguem ter esta “luz” e abstrair esses conhecimentos das obras.

Infelizmente, se nas aulas de literatura ocorrem situações como essas. O aluno tem a razão em indagar o porquê daquilo. Pois, essas práticas não irão aproximá-lo do texto literário para que ele possa ter a sua experiência e ele próprio poder afirmar a importância da leitura literária, após tirar suas conclusões.

Muitos desses alunos gostam de ler livros literários. Têm esse costume, mas quando chegam à escola e se deparam com esse modo de trabalho, não conseguem transpor e dar continuidade a esse gosto no ambiente escolar. Assim, a leitura deleitosa e construtiva que fazem por conta própria parece muito distante de ser repetida nas leituras feitas nas aulas de literatura. Por que dessa dicotomia? O aluno pode pensar.

Com essas práticas sendo tomadas no trabalho com literatura, torna-se difícil que a leitura literária cumpra suas reais funções na vida dos estudantes. E a chave para a mudança desse cenário é voltar-se para o uso concreto da leitura literária. Pois ela é essencial à trajetória de vida de todos. E aos educandos não pode faltar esse usufruir da prática literária que traz mais benefícios que a nota no final do ano e a entrada na universidade. A leitura literária contribui com a formação do indivíduo:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É

por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2014, p.17)

E a escola que cumpre o papel social de educar, de formar cidadãos, de preparar para a vida em sociedade e preparar para a vida profissional, não pode deixar de lado esse importante objeto que contribui para fomentar essas capacidades, a leitura literária.

Assim sendo, a leitura literária é um bem. É um bem pela importância e pelos benefícios que traz aos seus leitores e este bem não pode ser negado. A escola e o professor devem fazer a sua parte para que os alunos/leitores tenham contato e se descubram por meio da leitura.

E a primeira razão para a sua importância e o seu uso necessário é o fato dela ser uma produção humana, de um ser social, como já foi dito. Ela carrega consigo essas impressões. Leticia Malard (1985, p.49) diz que *A matriz criadora da literatura é a vida mesma, a soma de experiências, de observações, e aspirações do produtor enquanto homem social, localizado num tempo e num espaço definidos, cujos ingredientes, perpassam forçosamente na produção textual.* O texto literário reflete o homem e todas as suas particularidades que o cercam. Nela o leitor vê refletida realidades que o impressionam e que também podem ser a realidade deste, ou deparar-se com a invenção a partir da realidade concreta.

Nisto, um ponto presente no fazer literário é a fantasia, e ainda que ela seja vista por muitos como mero escapismo ou alienação, ela é a fonte do texto literário. As multirealidades que ela possibilita são um campo fértil para fazer viver as mais diversas situações. Regina Zilberman (2008, p. 56), se baseando em Sigmund Freud diz que: *a fantasia é motivada por desejos insatisfeitos; ela acolhe-os e elabora-os, buscando satisfazê-los por intermédio de processos como o sonho, a imaginação, o devaneio.* E ela perpassa na criação literária. Nela o escritor pode externar suas lembranças insatisfatórias do passado, aliadas a experiências do presente, e, de algum modo superá-las. Assim,

Alojada no coração dos problemas de um indivíduo, a fantasia não pode levar à evasão; nem as imagens que ela libera desligam-se do cotidiano ou da existência dos homens com os quais o artista convive. Seu relacionamento com o mundo encontra acolhida no imaginário, mas esse não é meramente receptivo: trabalha essas sugestões exteriores, associa-as a recordações do passado, articula-

as aos insumos resultantes das informações armazenadas pelo indivíduo. (ZILBERMAN, 2008, p.56)

A fantasia consegue dá forma compreensível aos acontecimentos que são abordados. E os leitores a partir desse reconhecimento têm condições de entender suas próprias dificuldades e podem buscar um caminho para a resolução de seus problemas.

A fantasia transfere essa forma para a literatura, e o leitor procura ali os elementos que expressam seu mundo interior (ZILBERMAN, 2008, p.57). O real e o irreal convivem e trazem novas posições para o leitor. Ele agora pode fazer-se presente nessas novas perspectivas. Torna-se livre para vivenciar novas questões. E até mesmo experimentar sentimentos e comportamentos que na vida real seriam impossíveis. O texto traz estas muitas permissões. Nele encontra-se novas pessoas, distintas personalidades, novos diálogos, momentos históricos. Em cada texto, novos cenários e novas vidas, pois:

O texto ficcional apropria-se das referências da realidade histórica, em termos de tempos, ambientes, costumes, personagens, conflitos, sentimentos, para abstrair dos fatos as motivações humanas que o geraram e que são comuns a todos os homens. Um livro como *Iliada*, de Homero, ultrapassa a descrição dos combates para retratar a violência humana e as consequências dolorosas que ela provoca, e isso diz respeito aos homens de sempre. Ler ficção, por conseguinte, não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social. Talvez, nessa caminhada, o prazer maior seja nos descobrirmos capazes de descobrir, porque o grande saldo da arte é o de desvelar ao homem sua própria humanidade. (AGUIAR, 2013, p.160)

O mundo que a leitura literária proporciona, não é uma questão de perda de tempo. Mas esta leitura possibilita ver-se refletida nesse irreal a realidade que os circunda e aquela realidade que se vive no campo da imaginação. E pode tornar-se realizável na leitura das obras literárias.

Por intermédio dessa prática o leitor desenvolve suas capacidades. Já que, *a leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e sua complexidade e assim nos torna mais compreensíveis e tolerantes* (PAIVA, 2004, p. 31). Essa função primordial a de democratizar o ser humano, ou seja, torna-lo mais acessível e sensível ao que o cerca é o grande valor

que resulta da leitura literária. A partir dos homens e sociedades encontradas nas obras, ao ver os seus erros e acertos, partindo dos mais puros sentimentos e ações e indo aos mais cruéis e insanos. O leitor conhece mais desse ser humano e de seu mundo. E aquilo que se conhece torna-se mais fácil de lidar, de tolerar e de enfrentar.

A literatura, o discurso poético e ficcional, quando respeitadas suas características, entre as quais, ressalto mais uma vez, incluo a possibilidade de poder abordar o contraditório, permite a identificação emocional entre a pessoa que lê e o texto e, assim, pode representar, dentro ou fora da escola, um precioso espaço para que certas especulações vitais –feitas pelo leitor, seja consigo mesmo, seja com outras pessoas- possam florescer. (AZEVEDO, 2004, p. 45)

Tudo isso se torna possível a partir do encontro com o texto literário. E diante deste vínculo, o leitor não é um ser passivo, mas sim, ativo. Pois ele não está inerte diante do livro, apenas “recebendo” o que o texto diz. O leitor se faz presente ao preencher os espaços vazios (lacunas) da obra. Nesse momento ele entra com sua criatividade, imaginação, experiência, conhecimentos, convicções e interage com a obra. Confrontando-se com o texto, tendo mudanças de pensamentos, de hábitos e consequentemente alargando seus horizontes.

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo –e mesmo pela ciência- justamente por serem considerados subjetivos, ambíguos e imensuráveis. Quais são eles? Entre outros: as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento, a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades de interpretar o outro; as utopias individuais; as utopias coletivas, a mortalidade; a sexualidade (não me refiro a educação sexual, mas à relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas complicações); as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto etc. (AZEVEDO, 2004, p. 40)

O texto literário com esses personagens e até seres que nunca existiram, faz os seus leitores viverem e discutirem seus dramas. Discutir, aqui, é o fazer pensar,

examinar, questionar, não de um modo enfadonho, mas, como diz o autor, de um modo prazeroso. A pessoa se dispõe a fazer isso com prazer. Este é o poder da leitura literária, discutir os assuntos humanos, muitos deles delicados e contraditórios, de forma tênue e aprazível. Aqueles temas dispensados pelas ciências, por não se sentirem estáveis diante deles por não terem comprovação científica e por serem abstratos e abertos demais, estão presentes nas histórias. Pois, estes são temas intrínsecos ao ser humano e o texto literário os aborda, por mais subjetivos, ambíguos e imensuráveis que eles possam ser.

A literatura com o poder da palavra de significar, de expressar e explicitar as situações mais tensas que forem, cumpre esse papel e faz o leitor vivenciá-las e ter as suas necessidades supridas. Já que todos os seres humanos vivem em um eterno processo de aprendizado, em busca de autoconhecimento. E por meio das aprendizagens e das experiências se “reinventam”. Renovam seu modo de pensar e agir.

Assim, compreende-se que esses elementos irão surtir efeito nas relações interpessoais dos leitores. A leitura literária influencia o seu leitor no seu convívio social. Influencia no sentido de servir de base para as novas construções feitas por ele. Os pensamentos que são vistos nas obras transparecerão na sua vida. E o leitor, agora, encontra-se mais munido dessas questões e pode conceber melhor os acontecimentos, não só por um viés, mas por muitos. Não porque ele viveu plenamente situações iguais antes, mas porque ele se deu a conhecer as muitas possibilidades de situações humanas e leva consigo as experiências e as conjecturas feitas a partir delas.

A leitura literária, desse modo apresentada e compreendida, como foi dito acima, torna-se um exercício. Um exercício que gera a abertura para novas perspectivas. Pois, funciona como uma porta para os mais diversos caminhos. A leitura literária não é só sinônimo de ludicidade, passatempo, mas também de conhecimento. Ela proporciona descobertas, indagações, frustrações. Pois a leitura literária não existe só para agradar. Traz, também, o desagradável para provar as percepções do seu leitor, onde este mostrará seus ideais, suas convicções e irá expor o seu “eu” ao encontrar-se com os outros “eu” nas suas trajetórias de leitura.

O texto literário é capaz de promover, sim, todas essas reflexões críticas. O seu leitor torna-se mais refinado para refletir sobre as mais diversas questões e agir para com elas; passa a ter uma percepção maior do mundo como um todo, não

ficando limitado à sua realidade circundante. Passa a conhecer e compreender as correlações que sustentam e integram esse estar no mundo; constrói seus sentidos próprios ao fazer essas conexões; por fim a sua imaginação e o seu raciocínio são estimulados.

Provando que a leitura literária juntamente com a literatura em si, não são objetos supérfluos, simples, no sentido de insignificantes. São, no entanto, essenciais a todos os seres humanos que querem se deleitar e também por intermédio dela aprimorarem suas capacidades e se tornarem seres realmente humanos. Hábeis a agir em todos os ambientes dos quais fazem parte. Não sendo mais um dos muitos que seguem os ideais de alguns, mas sendo o indivíduo que faz as suas próprias deduções e conclusões para, sim, emitir sua opinião e escolher conscientemente o caminho a seguir.

Desta maneira, acredita-se que não há idade específica para se desfrutar da leitura literária. Ela surte seus efeitos em todos que se dispõem a ela. Em todas as faixas escolares ela é essencial, da educação infantil à Educação de Jovens e Adultos (EJA). E em especial a sua atuação é importante na faixa etária do Ensino Médio, a adolescência e a juventude, onde se concentra o trabalho de intervenção feito durante a pesquisa aqui desenvolvida. Pois, segundo, Vera Aguiar; Maria Bordini (1993) essa faixa etária é o período em que o aluno está elaborando seus juízos de valor; sua personalidade; ele começa a afirmar posições; se mostra sensível aos problemas sociais; e começa a interrogar-se sobre suas possibilidades de atuação na comunidade adulta.

Mediante essas questões, a experiência literária torna-se um elemento basilar para essas construções. A experiência com as peripécias dos personagens das obras poderão impulsioná-lo na aquisição, rejeição e reformulação de seus juízos de valor que farão parte da composição do seu caráter e da sua personalidade.

O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos (ZILBERMAN, 2008, p.53). Por intermédio das discussões e inferências ele firma suas posições com relação aos acontecimentos que o cercam, buscando causas e soluções, além de melhorar sua relação com o próximo por meio das discussões acerca das obras.

A literatura, por meio da leitura literária proporciona ao estudante do Ensino Médio a comparação de ideias, as conclusões diferenciadas, a tomada de posição e

desta forma faz com que ele assuma uma postura mais crítica diante dos textos e da vida. E assim, há a formação de uma personalidade sensível, inteligente e aberta aos outros e ao mundo. (ROUXEL, 2013)

Diante disso, é necessário que a escola e o professor proporcionem esse espaço para o diálogo, para que essas experiências sejam externadas, contrastadas e apoiadas. Aquilo que o educando apreendeu ou algo que lhe tenha chamado atenção deve ser exposto no espaço de sala de aula e compartilhado com todos. A sala de aula funciona como uma miniatura da sociedade. Nela há o encontro de pessoas muito distintas uma das outras, com pensamentos, vivências e comportamentos díspares.

A sala de aula representa assim o papel de regulador. Ela é o espaço intersubjetivo onde se confrontam os diversos “textos de leitores”, a fim de estabelecer o texto do grupo, objeto se não de uma negociação, ao menos de um consenso. A presença da turma é essencial na formação dos jovens leitores: lugar de debate interpretativo (metamorfose do conflito de interpretação), ela ilumina a polissemia dos textos literários e a diversidade dos investimentos subjetivos que autoriza. (ROUXEL, 2013, p.23)

E assim o educando podendo manter a constante troca de posições com seus colegas, chega mais compreensível à diversidade encontrada fora da escola. Principalmente, porque muito dos conflitos vividos atualmente no mundo e os que marcaram a história é por falta de saber conciliar as diferenças, respeitar os pontos de vista e também saber manter o seu pensamento sem ignorar ou acabar com o do outro. *O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar.* (COSSON, 2014, p.68)

Para que esses efeitos sejam reais é necessário que haja o uso integral e efetivo do texto literário, como fala a autora a seguir:

Entretanto, para que ocorram esses fenômenos, é preciso que os alunos tenham acesso às obras integrais. É ilusório esperar viver essa experiência na escola a partir unicamente da leitura de um fragmento. É por isso que a atividade de leitura em sala de aula é frustrante quando feita a partir de trechos selecionados. Ao lado do tempo de estudo, a leitura integral efetuada na esfera privada é a única capaz de modificar a relação dos alunos de ensino médio com

o texto. A prática de leitura cursiva, que se pode discutir na sala, oferece possibilidades de renovação do ensino de literatura. (ROUXEL, 2013, p. 28)

Com simulacros de textos literários é impossível que o estudante tome conta do rico saber que emana dos textos. O aluno precisa sentir. Ter suas próprias práticas de leitura. E a escola deve fomentar isso, incentivando o uso constante e integral dos poemas e das prosas literárias. Não se pode construir essas capacidades elencadas tendo como base alicerces frágeis (leitura de fragmentos literários), mas sim, com o uso de fundamentos consistentes (leitura integral das obras).

Enfim, a prática de leitura literária é um objeto rico que fomenta o referencial de vida e o conhecimento de seus leitores. Diante do que foi apresentado e do que é pesquisado, não há como negar o seu valor e a sua utilidade na escola. Sendo um objeto tão imprescindível para a formação humana, ela deve ser bem trabalhada e ter todos os investimentos necessários para sua execução. Pois,

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. (COSSON, 2014, p. 120)

E assim,

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 1993, p.106)

Com essa mistura de valores e comportamentos e mais a discussão simbólica dos impasses, desejos e utopias que a literatura permite. O educando vai se alfabetizando nessa prática literária. A cada leitura é alcançado novas descobertas e novas mudanças em seu modo de ser e de ver o mundo.

E como a autora afirma acima, os educandos precisam apossar-se desta linguagem, desta cultura para serem cidadãos mais competentes. Não só sábios nos

demais conhecimentos, mas também sábios e hábeis no que concerne ao seu entender e agir perante os acontecimentos do dia a dia. Tendo sido embasados pelas experiências e discussões possibilitadas pela leitura literária.

Portanto, ela é capaz de promover o deleite e o trânsito dos saberes, tocando e despertando sentimentos e pensamentos. E assim atinge tão profundamente o homem, sem haver distinção de cor ou classe. E sendo de tal maneira a sua ação, ela é, realmente, um bem que todos, pode-se dizer, têm o direito de tomar parte nela. E este bem não pode ser negligenciado, nem deturpado, mas cada vez mais vivido e manifestado a todos.

3. A FORMAÇÃO DO LEITOR

A sociedade cada vez mais moderna e tecnológica tem cobrado mais por indivíduos que tenham pensamento crítico e atuante em seu grupo social. A melhor forma de se conquistar esse objetivo é incentivando e formando leitores proficientes. Muito se tem debatido a respeito desse tema. Como formar leitores em uma sociedade cada vez mais tecnológica, em que tudo gira em torno desses aparelhos? Em que se tem deixado de lado o gosto pela leitura. Onde é preferível assistir televisão, ver um filme, jogar um *Play Station* que ler um livro.

É um grande desafio. Uma responsabilidade que no Brasil, tristemente, é lançada, por muitos, somente para a escola, como se só coubesse a ela esta responsabilidade. O que tem como resultado números alarmantes quando se fala em leitura/leitor no país. Segundo a pesquisa *Retratos do Brasil*, que é feita pela Fundação Pró-Livro e pelo instituto Ibope Inteligência a cada quatro anos, e foi divulgada no segundo semestre de 2012, o brasileiro lê, em média, 1,85 livros por trimestre, número menor que a média registrada anteriormente, que foi de 2,4 livros a cada três meses.

Percebe-se que há uma grande falha e, principalmente, que essa situação precisa ser ajustada antes que seja tarde. Então, retoma-se o questionamento inicial, como formar leitores? E com acréscimo, a quem fica a responsabilidade? Ainda há como a escola cumprir seu dever em formar leitores proficientes?

A resposta é não, se a responsabilidade ficar isolada à escola. A instituição escolar, no Brasil, não está preparada para tomar para si este “peso” por problemas com relação ao espaço físico por falta de bibliotecas e de recursos para aprimorá-

las; sem falar dos professores, que são desvalorizados, trabalhando, muitas vezes, para cumprir horário, sem o total empenho e prazer na sua prática, o que resulta em péssimo trabalho por parte do docente; e falta de incentivo tanto dos familiares dos alunos como do governo.

Porém, se houver uma junção desse tripé escola-família-governo com certeza o panorama com relação ao problema da formação de leitores no país, muda. Como já foi mencionado, em outros momentos, a responsabilidade não deve ficar apenas à escola, é dever da família apresentar o livro desde que o indivíduo é uma criança, já que a infância é considerada a melhor fase para se formar valores e gostos.

Nas discursões literárias de antigamente a figura do leitor era deixada em segundo plano. No tripé autor-obra-leitor, este último era o menos prestigiado. Ao ler uma obra, desejava-se compreender o que aquele autor iluminado queria dizer. Todavia, a partir da segunda metade do século XX, o leitor se constitui como o elemento mais importante, pois é no momento da leitura que o texto ganha vida e novos rumos. Agora, ao ler-se uma obra, não se deve questionar os sentimentos, as ideias mais profundas que o autor queria expressar nela, mas sim, procura-se saber e extrair do leitor os sentimentos despertados e as construções feitas na leitura daquele texto.

Mas afinal, quem é esse leitor? Quais as capacidades necessárias para se tornar, de fato, um leitor?

Aquele que não só passa os olhos por cima das letras, e lê superficialmente, mas vai além, consegue ler um texto de forma proficiente, olhar o mundo em sua volta, olhar um quadro, um mapa e a partir desse olhar construir inferências, posicionando-se a respeito do que vê. Que sabe que precisa interligar suas vivências ao que está lendo, para que assim possa a partir das palavras do autor construir as suas palavras. E dessa forma manter um diálogo entre ele/leitor e o autor do texto. Cosson (2014, p. 27) define:

Um bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário.

Parece um ser imaginário, porém, ele existe em muitos lugares. Para Jouve (1993, p. 49) *o leitor, longe de ser desencarnado, é uma pessoa inteira que, como tal, reage plenamente às solicitações psicológicas e à influência ideológica do texto.*

A partir do momento em que o leitor começa uma leitura, ele passa a interagir com a obra, passa a senti-la, preencher suas lacunas, deixando-se influenciar ou não por ela. A interação entre texto-autor-leitor é um fator que contribui para que o caráter autônomo e proficiente que a leitura pode proporcionar se forme no indivíduo, porque partindo dessa interação o leitor passa a construir as suas próprias interpretações do texto.

Dessa forma, o texto é sempre inacabado, cabe ao leitor a tarefa de completá-lo. Mas sempre restarão lacunas inacessíveis, porque a obra de arte nunca se dá por completa, ela é aberta e está sempre pronta a novas significações. Por isso a cada leitura pode-se descobrir novos sentidos. Já que o leitor muda e com o passar do tempo quando ele repetir aquela leitura, novas fruições e impressões ocorrerão. Aquele leitor modificou-se, pois adquiriu novas experiências, aprendizagens que o fizeram atingir uma maior maturidade como leitor e o embasará naquela nova leitura. Tendo novas significações.

Voltando-se para a leitura literária, a qual é o centro das discussões feitas, nela tem-se um grande diferencial dos demais textos. Como diz Aguiar (2013) que a literatura se constrói dos profundos conteúdos humanos. E isto garante ao leitor literário um maior arcabouço de resultados dessa relação texto-leitor. Por ela ser abrangente, ou seja, tratar dos mais diversos assuntos pertinentes ao homem e fazer isso pelo viés da manipulação da palavra, usando-a para provocar as mais diversas percepções. Isto torna o texto literário um caminho amplo para a formação do leitor. Um leitor que é despertado por todos os lados ao entrar no mundo literário.

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2014, p.17)

E como consequência desse processo na leitura literária, a autora Andréia Cruz (2008) se baseando nos pressupostos de Jauss, relata que a experiência estética, advinda da relação do leitor com a obra literária, é composta por três categorias básicas a *poiesis*, a *katharsis* e a *aisthesis*. Na *poiesis*, o leitor se sente

co-autor da obra pelo prazer que sente ao usufruir dela. A katharsis refere ao efeito produzido no leitor ao vivenciar a obra artística. E *a aisthesis é a capacidade de concretização prática da função social da arte, por provocar transformações nas concepções que o receptor de uma obra artística tem da vida e do mundo* (CRUZ, 2008, p. 47).

Vê-se que o leitor de literatura tem nessa relação uma gama de ações que permeiam a sua prática: a fruição, o prazer de “viver” aquela história, e isso não se restringe só ao emocional e à mente do leitor, mas também transparece em suas ações. Assim sendo, esse resultado não permanece só no bem estar do leitor pelo que presenciou na obra, mas isso passa para a sua vida. No seu plano real de vida, o leitor se transforma e transparece suas novas concepções de mundo que foram proporcionadas pela interação com o texto.

Nisto se vê a formação de um leitor que se distingue dos demais.

De um lado, vemos um sujeito que idealiza a realidade, passa de largo das questões urgentes, lê apenas o que está dado e, de preferência, volta sempre aos mesmos modelos de texto que mitificam o presente e o passado e projetam um futuro também igual. De outro, temos o leitor curioso e atento, que aceita a mudança e os desafios, preenche os não ditos da página, se posiciona e reage frente às ideias e aos sentimentos que a obra provoca. (AGUIAR, 2013, p. 61)

O verdadeiro leitor, nas suas variadas leituras, produz e reconstrói sentidos. Ele discute as ideias, expõe interpretações, partilha experiências e adentra criticamente na leitura. Torna-se o co-autor do texto. Como afirma Cosson (2014, p. 39): *é o leitor que elabora e testa hipóteses sobre o que está no texto. É ele que cria estratégias para dizer o texto com base naquilo que já sabe sobre o texto e o mundo.*

A sociedade não precisa de um leitor de superfície, mas um leitor em profundidade, crítico e permanente. O qual leva para o seu cotidiano o que consolidou em suas leituras.

3.1. COMO SE FORMA UM LEITOR?

O processo de formação do leitor, não é um processo simples. Requer tempo e dedicação do agente formador, que precisa encontrar estratégias que despertem a

curiosidade do aluno, para que este possa responder de forma positiva, ou seja, se interesse em experimentar os prazeres e outros benefícios que somente a leitura pode proporcionar. E depois, ele sozinho possa alcançar a autonomia e ir em busca de saciar sua necessidade de leitura. Conforme Iara Prado (1999, p. 84),

Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois esse é um aprendizado que requer esforço. Precisarão fazê-los achar que ler é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará a eles autonomia e independência. E terá de oferecer condições favoráveis para as práticas de leitura — que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, todas as evidências têm revelado que o uso que se faz dos livros e demais materiais escritos é o aspecto mais determinante para a formação de leitores de fato.

Para a formação do leitor não se tem uma regra estabelecida que sirva para todas as pessoas. Cada leitor cria seus gostos, e essa prática é fomentada em cada um de maneira particular. Alguns foram por intermédio da família, da escola, ou começou na oralidade, em ouvir histórias contadas pelos pais e avós, outros só se tornaram leitores na idade adulta ou na velhice. Mas há um elemento muito importante para que esse leitor se forme:

Para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida. (AZEVEDO, 2004, p. 39)

Este processo não pode ser imposto ao aluno, o aluno não pode em hipótese alguma ser forçado a ler, porque o efeito desta ação será com certeza a repulsão pelo ato. A ação deve ser feita de forma contrária, o aluno deve ser atraído, seduzido a achar o ato de ler interessante e desafiador. Sendo atraído e se identificando com o livro o gosto pela leitura flui de forma natural. Assim sendo, o aluno não sentirá obrigado em fazer isso, descobrindo o prazer e a importância do ato de ler.

A leitura deve ser baseada no deleite que é despertado no leitor. Pais e professores podem servir como mediadores desse processo, todavia os laços que

vão unir texto e leitor partem de ambos. Não são postos por terceiros. Vitória Faria (2004, p.50-51) relata o seus momentos prazerosos no seu início como leitora:

Todas as noites, após o jantar, meu pai se deitava na rede e, aos poucos, todos nós, aprendizes de leitura, nos aproximávamos. Lembro-me de que, inicialmente, eram os três, depois foram chegando os demais, até constituirmos um grupo de sete pessoas, incluindo o mais experiente. Sempre havia alguns que não sabiam ler convencionalmente, outros que já liam fluentemente e os que liam ainda com certa dificuldade. Essa heterogeneidade não impedia nenhum de nós de participar ativamente dos atos de leitura. O desejo de decifrar aquilo que os livros diziam e de ser admitido no mundo da leitura misturava-se com a admiração pela figura paterna. A cada noite era uma nova emoção. Eram as aventuras de Tarzan e Jane; era a mitologia grega que ia descortinando para nós todas as riquezas do Olimpo; era a visão romântica sobre o índio brasileiro nas narrativas de José de Alencar; era o encantamento das rimas e ritmos das poesias de Castro Alves, Olavo Bilac, Casemiro de Abreu e Camões; era a densidade dos sermões do padre Vieira e a alegria do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Alguns textos lidos nessas noites ocuparam papel importante em nossa formação como cidadãos. Um deles foi a “Oração pela Pátria”, de Rui Barbosa, cujos trechos mais significativos eram repetidos por nós de memória. Esse verdadeiro ícone da democracia brasileira influenciou nossa formação política, interferindo até mesmo em escolhas profissionais.

Na experiência da autora percebe-se sempre presente o prazer advindo do encontro com o livro. E ela relembra os personagens e os autores que a formaram leitora. E afirma, também, que esses textos a ajudaram a se formar cidadã. É a utilidade da leitura transparecendo nas ações do seu leitor. Nisto vemos que a formação do leitor vai além da simples prática de leitura.

Também devem ser levadas em consideração todas as vivências e leituras que o aluno fez e faz da sociedade e mundo a sua volta. Compreende-se aqui, que ao adentrar na escola o aluno não é uma folha em branco, como se ao entrar à escola fosse fazê-lo iniciar suas experiências de vida. Na realidade, ele já traz consigo uma vasta gama de experiências adquiridas em torno do seu contexto social que não podem ser ignoradas pelo professor, mas sim, aproveitadas de alguma forma para fortalecer ainda mais a construção do caráter crítico do aluno, contribuindo para a formação cidadã do mesmo.

Porém, para isso, a escola precisa buscar mais investimento em bibliotecas, para que estas possam ter um acervo rico de livros variados com gêneros diversificados. Para que nelas possa ocorrer a prática constante, se possível, diária

da leitura. Bem como, no incentivo a formação continuada dos professores que possam estar preparados para viabilizar condições favoráveis para o desenvolvimento de leitores proficientes.

Por meio de textos diversos o professor deve questionar, instigar o aluno a querer saber mais, explorar ao máximo a compreensão que o mesmo extraiu da leitura. Outro ponto a destacar, é com relação a escolha do livro, o professor deve dar sugestões, mas o educando também é livre para fazer suas escolhas e começar a descobrir seus gostos e afinidades. Isto deve ocorrer de forma leve e natural, sem configurar um dever ou obrigação, para que assim, a prática da atividade seja executada de forma que o aluno sinta prazer e consiga ultrapassar a leitura superficial ao alcançar uma compreensão satisfatória da obra.

Já a instituição governamental, pode colaborar criando políticas públicas que desenvolvam projetos e programas tanto para capacitação dos professores, bibliotecários, como também para incentivar a leitura no seio familiar, além de atrair as crianças às bibliotecas públicas e móveis, promover ações de distribuição de livros para todas as faixas etárias desde livros coloridos a romances brasileiros e expandir os programas que já existem, aperfeiçoando-os e acrescentando melhores. Sendo que, esses programas precisam descentralizar-se das grandes cidades e se expandirem alcançando cidades que tem urgência em formar leitores e que sempre acabam ficando esquecidas por essas ações.

Além da palavra, formação, fazer referência a iniciação no hábito de ler. Ela designa também a evolução que ocorre nesse leitor. Pois, as leituras feitas deixam marcas no leitor, marcas que o fazem mudar ou reformular pensamentos e atitudes.

Formação do leitor, desse modo, diz respeito ao leitor que entra de uma maneira na leitura de um livro e sai de outra. A formação está na realização singular que ele tem a partir do engajamento na obra. Ele atualiza aquele texto do autor com suas características.

Essa formação tem a ver com subjetividade, com as transformações que ocorrem no leitor, não só no que ele sabe, mas naquilo que ele é. O leitor que interage com o texto, reflete, critica e isto resulta em conclusões, alterações em seu pensamento e conduta. Assim se forma, deforma e transforma o ser que ler. Esta é a verdadeira formação do leitor. Ricardo Azevedo (2004) afirma que o contraditório e a ambiguidade são essenciais para esta formação e por meio do diálogo, da meditação, de discussões, especulações e da troca de opiniões formam-se leitores.

Assim sendo, pode-se afirmar segundo Rouxel (2013, p.20) que a finalidade do ensino de literatura *é a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico-capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção*. Essa formação de leitor requer o pensamento não em quantidade, mas em qualidade. Um leitor que não se diferencia em números de livros lidos, porém nas discussões apreendidas mediante essas leituras. Ela fala de um leitor livre que não é a reprodução do discurso do outro, mas é dono do seu próprio; crítico que analisa e reflete sobre o que vê. E que busca conhecer e ampliar suas concepções:

O que queremos formar, afinal: indivíduos que se calem, submissos, diante de um poder qualquer, muitas vezes arbitrário, ou cidadãos capazes de legitimar suas posições, argumentando e defendendo seus direitos? Educamos para o silêncio ou para o diálogo? (MARIA, 2002, p. 39)

A formação de leitor faz refletir sobre essa função da escola de formar indivíduos capazes para atuarem na sociedade. E esta, a cada dia mais precisa de cidadãos com este perfil dado pela autora acima. Os alunos que passam pelas aulas de literatura não podem sair delas da maneira que chegaram, não podem passar pelas obras e continuarem os mesmos. Os alunos necessitam desta experiência de leitores literários para ficarem mais preparados e munidos das apreensões vividas nos textos. A formação desse leitor ativo e interativo gerará cidadãos aptos a não se calarem; cidadãos que com argumentos válidos fazem valer a sua opinião.

A formação desse leitor deve ser o compromisso da escola e de todos os educadores. Se os estudantes não entram leitores, devem sair leitores e terem a consciência disso. Terem a clara distinção que ser leitor não é saber o que aquele conjunto de letras significa. No entanto, saber que ser leitor é construir os sentidos partindo dos seus próprios conhecimentos na conversa com o texto. E também ter a plena consciência de que esta não é uma prática estritamente escolar. Mas é uma prática essencial para a sua vida em sociedade e que, portanto, deve ser diária e contínua.

A aproximação com a leitura e a descoberta pelo gosto da mesma, com certeza, irá transformar a mente de um jovem que se permitiu adentrar em seu

mundo. A leitura desmistifica ideias, valores mal interpretados, cria confrontos dentro do indivíduo que o ajuda a firmar suas opiniões e argumentos.

Ao dar sentido e compreender a leitura, o homem passa a receber um poder que emana dela e passa a se autoquestionar, questionar o outro, não aceitar dogmas existentes, não aceitar imposições, se impor, além de beneficiá-lo na linguagem escrita. Como afirma Iara Prado (1999, p, 83): *A leitura dá poder porque é um meio para compreender o mundo e essa compreensão é uma condição de cidadania— além do que, lendo, podemos nos tornar, cada vez mais, também cidadãos da cultura escrita*”.

E é dever da escola e de todas as outras entidades o empenho para que este objetivo seja alcançado. O país precisa de leitores, principalmente, em uma sociedade que está em pleno processo de progresso. Indivíduos que saibam analisar, discutir, questionar, se opor, serem críticos. E isso só ocorrerá se o povo aprender a gostar de ler, a vivenciar este ato diariamente e a sociedade unida formar leitores competentes.

2. CAPÍTULO

1. PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS

Muitas são as dúvidas a respeito do surgimento desta linha de pesquisa e a respeito de quem foi o primeiro pesquisador a citá-la. Sabe-se que o termo pesquisação foi mencionado em uma publicação feita pelo pesquisador Kurt Lewin por meio da qual ganhou visibilidade. Muitos autores atribuem a criação do processo a ele, apesar de não existirem fatos que comprovem isso.

Lewin, era um psicólogo que se preocupava com as questões psicossociais, buscava, por meio da pesquisação, não só investigar os problemas, mas também encontrar uma solução que trouxesse mudanças no comportamento dos sujeitos envolvidos. Desde 1944, o pesquisador já trabalhava com os principais pontos da pesquisação:

Já em 1944 Lewis descrevia o processo de pesquisação indicando como seus traços essenciais: análise, coleta de dados e conceituação do problema; planejamento da ação execução e nova coleta de dados para reavaliá-la; repetição desse ciclo de atividades. (SERRANO apud ANDRÉ, 2012, p. 31)

Segundo Guido Engel (2000), esta forma de pesquisa passou a ser utilizada em estudos da área sociológica. E assim foi ganhando espaço a ideia de que o cientista social deveria sair de seu isolamento e assumir as consequências dos resultados de sua pesquisa e colocá-los em prática. A pesquisa-ação surgiu, assim, da necessidade de se diminuir a distancia entre teoria e prática.

Uma das características desse tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto. (ENGEL, 2000, p. 182)

E hoje, a pesquisação continua a ser considerado um método no qual o pesquisador sai do seu espaço acadêmico, entra em contato e mantém uma relação direta com o sujeito/objeto a ser pesquisado, tendo que identificar o problema e

buscar uma solução ao mesmo. Este método visa investigar esse problema a partir dos dados levantados, elencando reivindicações e ações planejadas que possam solucionar o problema detectado.

A pesquisação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT 1947, p.14)

Ainda segundo Michel Thiollent (1947), existem dois objetivos que devem se relacionar configurando uma das especificidades da pesquisação, são eles: I) objetivo prático e II) objetivo de conhecimento, o autor descreve-os da seguinte forma:

- a) Objetivo Prático: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às “soluções” para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da situação[...]
- b) Objetivo de conhecimento: obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento de determinadas situações (reivindicações, representações, capacidades de ação ou de mobilização, etc. (THIOLLENT 1947, p.18)

Os objetivos supracitados são importantes para a pesquisação e precisam estar equiparados, apesar da relação entre os dois objetivos variar, é preciso que os dois estejam equilibrados, para que assim a pesquisa obtenha bons resultados.

Esta linha de investigação proporciona ao pesquisador uma aproximação da sua teoria com a prática, já que o mesmo estará inserido em uma situação real, diante de um problema que ele terá que solucionar de forma consciente. O que aumenta a importância do mesmo a pesquisa, já que há uma responsabilidade de se relacionar com os indivíduos do grupo, encontrar o problema, além de ter uma meta a ser cumprida que é formular uma ação planejada que venha contribuir na mudança comportamental dos envolvidos nessa situação. Afinal,

Na pesquisação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvidas, a pesquisação exige uma estrutura de relação entre

pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo. (THIOLLENT 1947, p.15)

Desse modo, o pesquisador além de estar inserido, ele torna-se participante da situação para que assim possa fazer uma melhor observação, monitoramento e avaliação da situação, para que posteriormente, a partir do que foi analisado pela participação dos indivíduos pesquisados, ele possa delinear um plano de ação eficaz para que o mesmo seja executado pelo grupo.

Ainda segundo alguns autores, como Marli André (2012, p.33) a pesquisa ainda se preocupa em propiciar às classes sociais em que o problema foi detectado, *um aprendizado de pesquisa da própria realidade*, para que, assim, além de conhecê-la melhor, o indivíduo possa atuar sobre ela de forma eficaz para que possa transformá-la.

A pesquisa também encontrou espaço na área educacional possibilitando a integração das teorias na sala de aula, ajudando os professores na resolução de problemas. Através dela passa-se a olhar o problema de “dentro para fora”. O pesquisador se mostra participante daquele evento. Ele não está mais distante, mas sim envolvido com todas as questões que interferem naquele evento estudado. Podendo, por meio desse encontro, desenvolver melhor as suas práticas.

Dessa forma, a pesquisa mostra ser o melhor caminho quando se deseja conhecer mais das nuances da sala de aula e através disto criar bases para que soluções e novas propostas possam ser colocadas em ação. O pesquisador estando no meio do seu objeto de pesquisa se tornará mais hábil em desenvolver suas conclusões. Pois ele está vivendo plenamente sua pesquisa.

Por estas razões escolheu-se essa vertente para que a pesquisa fosse colocada em prática e pudesse ser vivenciado o contexto de sala de aula. E assim o trabalho com o texto literário fosse observado e feito, aliando à prática as teorias que embasam a pesquisa.

2. A RAZÃO DA PESQUISA

O desenvolvimento da pesquisa, por meio da coleta de dados, deu-se em uma instituição pública. A escola escolhida foi onde as pesquisadoras fizeram o Estágio Supervisionado em Literatura. E desta experiência surgiram algumas

discussões que acabaram fomentando as ideias que serviram de base para que esta linha de pesquisa fosse seguida.

Isto se deu, principalmente, pelo fato que, ao longo do estágio supervisionado em literatura foram presenciadas aulas onde existia a extrema falta de contato com o texto literário, onde os alunos só se viam envoltos com as atividades do livro didático. Presenciou-se, também, a necessidade de ver os alunos empolgados e envolvidos com a literatura, já que estes não se mostravam interessados em estudar aquela “literatura”.

O confronto deste cenário encontrado na escola com as propostas e teorias apreendidas na universidade fizeram com que este dualismo se tornasse o fio condutor das leituras e pesquisas desenvolvidas. Sendo assim, decidiu-se acompanhar outra turma em suas aulas de literatura e promover o contato integral com a obra literária.

Valendo-se, então, da convicção de que não existe aula de literatura sem a devida experiência de leitura do texto literário. Assim, com autorização dos órgãos competentes da instituição, deu-se início a coleta de dados.

2.1 A ESCOLA- CAMPO

A instituição educadora em questão é a Escola Estadual Augusto Antunes, localizada no Município de Santana, na Rua Salvador Diniz, no bairro Nova Brasília. No período da pesquisa encontrava-se sob a direção do professor Luizinho Schuersosvski. A escola atende alunos oriundos dos bairros: Nova Brasília, Remédios I e II, Centro, dentre outros. A instituição trabalha somente com Ensino Médio e as vagas na escola são sempre bem disputadas. A mesma é tida como uma das melhores escolas do município de Santana.

A Escola Estadual Augusto Antunes foi criada em 10 de fevereiro de 1966, pelo decreto 04/66-GAB/PMM estabelecido, na época, pelo governador do extinto Território Federal do Amapá o General Luís Mendes da Silva. E foi publicado no diário oficial do dia 14 de fevereiro de 1966, tendo como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Macapá na gestão do prefeito Douglas Lobato Lopes.

No decorrer dos anos a escola vem passando por ampliações e construção de novas salas de aulas. Atualmente ela possui doze salas de aula, biblioteca, sala de vídeo, auditório, quadra de esportes e laboratórios.

Há cinquenta e seis professores na escola e todos atuam em sala de aula, sendo que cinco são professores de literatura. Quanto ao corpo técnico, há dois pedagogos, dois agentes administrativos, sete serventes e seis merendeiros. Não há psicólogos, nem assistentes sociais.

Quanto ao corpo discente, há cerca de 1.068 alunos distribuídos em 30 turmas de 1º, 2º e 3º ano, divididos em 3 turnos.

2.2 A TURMA

A turma disponibilizada para a pesquisa foi uma turma de 2º ano do turno da manhã, que continha aproximadamente 36 alunos matriculados na faixa etária de 15 a 18 anos (não houve critérios de preferencia ou seleção para que esta turma fosse escolhida).

Quando foi apresentada a proposta da pesquisa a eles, os alunos mostraram-se interessados e dispostos a participarem de todos os encaminhamentos. E durante o convívio com os educandos percebeu-se que a turma tinha um determinado interesse pelo estudo literário. A turma era bastante participativa, boa parte dela sempre apresentava seus pensamentos e se posicionava nas discussões desenvolvidas tanto pela professora quanto pelas pesquisadoras.

2.3 A PROFESSORA

A professora leciona Língua Portuguesa e Literatura para a turma, com cinco aulas/semanais de cinquenta minutos cada uma. A mesma tem o grau de especialista e atua na área há 14 anos. A distribuição das disciplinas na carga horária fica a critério da professora. Durante o período da pesquisa, ela passou a utilizar os horários só para a disciplina de Literatura.

A relação entre a professora e os alunos era muito amistosa. Era perceptível que a turma respeitava a educadora, e que esta conseguia ter um bom domínio sobre a classe. Durante as aulas expositivas a maioria dos alunos prestava atenção e poucos ficavam conversando ou usando o celular.

No decorrer da pesquisa a professora se mostrou bem prestativa e interessada em dar o devido apoio as pesquisadoras.

3. PASSO A PASSO DA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, utilizou-se quatro instrumentos: questionários para os alunos e para a professora, observação das aulas de literatura ministradas a turma, discussão promovida a partir da leitura da obra e a composição de um texto escrito individualmente contendo as impressões do aluno ante a sua leitura.

3.1. QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram elaborados pelas pesquisadoras e entregues aos alunos no primeiro encontro. Após uma explicação do que se tratava a pesquisa, os alunos os responderam e entregaram naquele mesmo momento. Trinta alunos responderam o questionário. Também foi feito um questionário para a professora que entregou o seu uma semana depois.

O questionário dos alunos continha nove questões e trazia questionamentos sobre leitura, obras lidas, leitura literária em sala de aula e sobre a razão de se estudar a matéria Literatura. Já o da professora continha treze questões, trazendo também indagações sobre: leitura, objetivos do ensino de literatura, a didática do professor e conceitos acerca da utilização e função do texto literário. Os questionários estão em anexo.

Por meio do questionário foi possível conhecer um pouco mais a fundo a relação entre os alunos e a leitura. Segue abaixo os resultados, em gráficos, de algumas questões que foram propostas aos alunos e que contribuíram para delinear um perfil da turma. O gráfico 1 corresponde a questão “você gosta de ler?”.

Gráfico 1

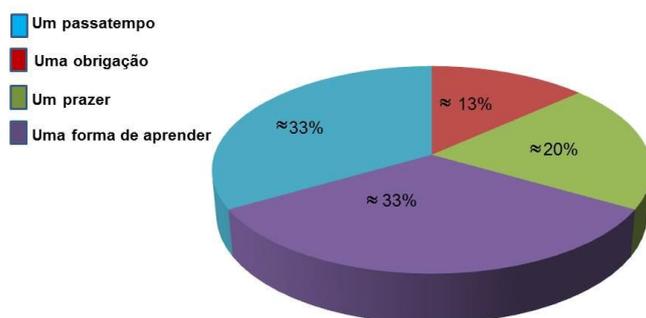


Os resultados comprovam a triste realidade com relação a leitura que não se restringe somente ao estado, mas abrange todo o país. Apenas 46% dos alunos afirmam gostar da atividade, o que demonstra que nem metade dos alunos gosta de ler. E a maioria, juntando o resultado das outras três alternativas, obtêm-se a soma de aproximadamente 52% que consideram a leitura como uma prática que não acrescenta em nada, pois para 36% é apenas uma atividade esporádica e 13% afirmam definitivamente não gostar. Ainda nesse resultado houve 3%, representando um aluno, que não respondeu.

Outra questão que foi apresentada à turma, investigava “o que é a leitura”.

Gráfico 2

Para você ler, é: (%)



≈ = Valor aproximado

Cerca de 33% dos alunos compreendem que a leitura é uma fonte de conhecimento e isto é muito importante, porque eles reconhecem o valor que ela tem para um indivíduo. Porém, outros 33% a veem como um meio de distração, fazem-na para ocupar o tempo.

Os demais resultados mostram que para alguns alunos a leitura propicia deleite, aproximadamente 20%, o que demonstra que esses já são alcançados pelo objetivo principal da leitura, que é proporcionar um momento agradável de prazer através do texto. E por fim, para aproximadamente 13% dos alunos, a leitura é uma obrigação e a praticam por ser imposta pelo professor ou por causa de algum trabalho que requeira a prática.

Outro questionamento feito pelas pesquisadoras foi a respeito da frequência que era lido ou discutido o texto literário em sala de aula, obtendo o seguinte resultado mostrado no gráfico abaixo:

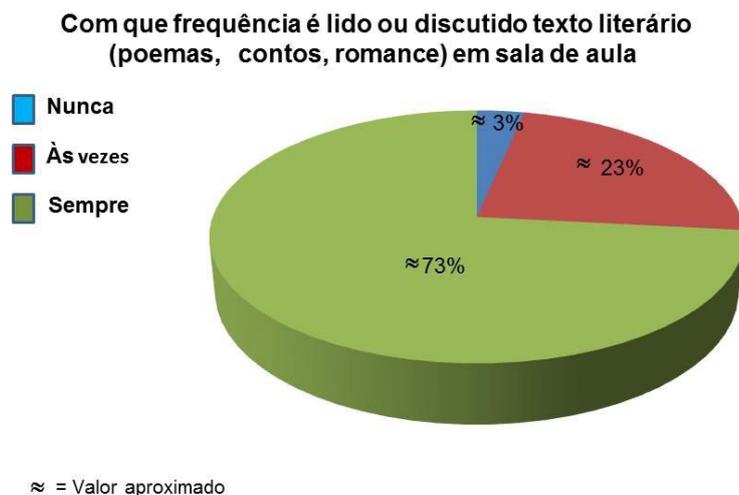


Gráfico 3

73% dos alunos registraram que o texto sempre é lido em sala, 23% disseram que às vezes e 3% disseram nunca. Nesse ponto, a professora relata, em seu questionário, que lê os textos com a turma e em seguida conversa sobre eles e realiza uma atividade escrita. No entanto, no período em que foram observadas as aulas, presenciou-se um desses momentos de discussão relatado pela professora. No qual houve uma conversa sobre o romance *O Primo Basílio*, entretanto, o referido livro não foi lido. A base da conversa foi um filme baseado na obra e um fragmento do texto que focalizava uma das personagens do livro.

Por conta disso, essa afirmação de que o texto é sempre lido e discutido como foi assegurado pelos alunos e demonstrado pela professora nas práticas presenciadas não é a maneira ideal de se discutir uma obra. Pois, o texto do qual emana a discussão não é lido. Assim, não há como falar com propriedade sobre aquilo que não se conhece. E estes alunos pensam que estão estudando o texto literário, mas na verdade não. O texto deve estar presente na íntegra para que os trabalhos com ele sejam bem desenvolvidos. E esse é o aspecto que se procura evidenciar aqui.

3.2. OBSERVAÇÃO DA DINÂMICA DA SALA DE AULA

As pesquisadoras passaram um mês assistindo as aulas de literatura da turma. No decorrer deste período foi indicado aos alunos que fizessem a leitura da obra *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, a qual seria a base das discussões feitas. As cópias do texto foram disponibilizadas a eles pelas pesquisadoras. O livro foi apresentado aos alunos e as pesquisadoras fizeram um apanhado do que o romance tratava e também foi falado um pouco sobre o autor. Em seguida foi iniciada a leitura do livro, em sala de aula, onde todos os alunos fizeram a leitura intercalada do primeiro capítulo, cada um lia um parágrafo em voz alta. A leitura deveria ser continuada e finalizada em casa, para isso foi-lhes dado um mês.

A leitura foi bem apreciada pela turma, passaram uma hora/aula realmente lendo o texto literário em sala de aula, não só com um fragmento em mãos, mas com o livro na íntegra podendo continuar a leitura posteriormente. Nenhum aluno se recusou a ler. Todos participaram da leitura demonstrando interesse. Assim, pôde-se observar as reações que eles tinham com o que era narrado. De rizadas a estranhamentos, os leitores deixavam transparecer suas impressões da história.

Embora seja conhecido que a questão da falta de tempo é um problema para os professores. Oportunidades como essa devem sempre existir nas aulas de literatura. O aluno poder ver-se envolvido com a prática da leitura. Aprendendo não só na teoria, mas sim na prática, no real envolvimento com o texto. E esse exercício não pode ser desvinculado do processo de ensino-aprendizagem de literatura. Esse acesso deve ser mantido em todos os níveis escolares.

Esta foi a primeira intervenção, onde as pesquisadoras lideraram a aula. No decorrer das aulas do mês, a professora continuou a ministrá-las normalmente e as pesquisadoras a observá-las. Durante este período a professora ensinou sobre Realismo/Naturalismo.

3. CAPÍTULO

Neste capítulo serão analisados os dados obtidos na pesquisa de campo, seguindo em consonância com a base teórica discutida.

3.1. DISCUSSÃO DA LEITURA DO LIVRO *O CORTIÇO*

A discussão a respeito da obra ocorreu após um mês que ficou destinado para que a turma fizesse a leitura. A discussão foi mediada pelas pesquisadoras, que conduziram a mesma, propondo os temas a serem discutidos e fazendo uma pequena introdução, antes das falas dos alunos. A partir desse momento, abria-se o espaço para que a turma interagisse.

Esta metodologia foi seguida por dois motivos, o primeiro foi para que esse momento acontecesse de forma organizada e sequenciada, o segundo, foi porque com receio de que não obtivessem respostas, as pesquisadoras optaram por instigar os alunos com a intenção de envolvê-los mais para tornar a discussão mais participativa. Em consonância ao que Thiollent (1947) afirma sobre haver um bom relacionamento entre pesquisador e os indivíduos pesquisados para que a pesquisa possa ir se concretizando da melhor maneira possível.

Antes da discussão os alunos foram organizados em círculo e foi dado espaço para que eles falassem acerca de sua experiência de leitura. Foram organizados alguns slides com temáticas e excertos do livro lido para que os alunos também expusessem suas opiniões. Este momento foi todo direcionado pelas pesquisadoras e a discussão foi gravada em áudio.

Apesar de ter sido distribuído o texto do romance a todos os alunos e de eles terem tido mais de um mês para efetuar a leitura, poucos a concluíram. Alguns chegaram até metade e uma minoria não leu o livro. Por conta disso, alguns alunos se mantiveram calados durante a execução desta etapa. Mas isso não comprometeu o andamento da discussão, em que muitos alunos expuseram suas concepções desenvolvidas a partir da leitura.

Com estes instrumentos colheram-se as informações utilizadas para serem analisadas nesta pesquisa.

3.2. UMA LEITURA DA OBRA *O CORTIÇO* PELA TURMA.

Mesmo aqueles alunos que se assumiram como não leitores, mostraram-se engajados na leitura. Esse é um dos passos para que eles desenvolvam a postura leitora. Como afirmou Azevedo (2004), para que esse leitor seja formado, é

necessário que haja uma comunhão entre o leitor e o texto e essa comunhão se baseia no prazer. Só com a leitura e esse espaço para que o aluno chegue-se a história e conecte-se a ela, criando uma afinidade é que o leitor se formará. É necessário o esforço do professor em induzir o aluno a essa atividade proporcionando o acesso ao livro.

Na turma, esse momento de leitura foi um diferencial da didática vivida por eles na rotina da sala de aula. Onde, segundo as observações feitas, o que permeava era a situação descrita por Maria Dalvi (2013) que é a chamada “aprendizagem engessada”, com pouco ou nenhum momento dedicado à leitura literária, muito menos a constituição do sujeito-leitor.

No entanto, como já foi dito, o centro do estudo literário é a leitura literária, e para isso os alunos devem ter esse acesso integral. Como confirma Rouxel (2013), a prática de leitura cursiva, que se pode discutir na sala, oferece possibilidades de renovação do ensino. E é este o caminho a ser seguido.

E por este viés iniciou-se as discussões a cerca da leitura da obra *O Cortiço*.

Na discussão da leitura, os estudantes puderam expressar suas opiniões, fazendo conexões com suas realidades, com a política e demais áreas. Expondo suas leituras de mundo a partir da obra lida. Seguindo, assim, o posicionamento de COSSON (2014) quando relata sobre essa importância do aluno ter a oportunidade de refletir e externalizar a sua reflexão da obra para que assim nasça e se estabeleça o diálogo construtivo entre os alunos.

As falas dos estudantes serão marcadas com a letra “F” seguida de um número que marca a ordem em que elas apareceram na discussão gravada.

A discussão iniciou-se com uma introdução feita por uma das pesquisadoras e os alunos teceram alguns comentários sobre a obra, antes de começarem as abordagens das temáticas:

- F₁ Eu gostei bastante do livro, porque ele aborda a questão da exploração do homem pelo homem, né. A questão do capitalismo, que o João Romão, ali, invejoso, buscava muito a riqueza e pra isso ele não mediu esforços, acumulou tudo pra que ele [...]
- F₂ Eu achei um pouco interessante que trata melhor da homossexualidade, que é o caso da pombinha.
- F₃ Eu achei interessante a transformação; como o homem é transformado pelo meio.

Percebe-se, com os comentários acima, que os alunos já conseguiam identificar temáticas importantes que permeiam a obra e posicionaram-se sobre o nível de aproximação com a mesma.

Nisto, os leitores já constatarem as afinidades criadas na leitura do livro, que se volta para a questão do homem (ser humano). A exploração, capitalismo, relacionamentos, influência e assim por diante. São todos temas e situações que cercam a vida humana. Confirmando o que foi dito por Brait (2003) e Candido (2000) que a literatura é um produto extremamente humano. Nele, os alunos conseguem ver melhor os enlaces dessas questões tão ativas na vida de todos. Além de que ela expressa a presença humana, o seu curso e as marcas deixadas por ela.

Os educandos puderam perceber e se “encontrar” nas páginas do livro, pois ele trata de assuntos que também são os assuntos deles, que de certa forma já se apresentaram ou se apresentam a eles. E assim, eles podem discutir e formular melhor seu pensamento.

Após esse momento, iniciaram as abordagens sobre as temáticas extraídas da obra, a partir do primeiro tema os alunos começaram a se envolver conforme as temáticas iam sendo encaminhadas. O objetivo desse momento inicial era perceber se os alunos conseguiram fazer as associações entre o texto e a realidade em que vivem.

A maioria dos alunos demonstrou uma grande admiração com a conduta do personagem João Romão. Pelo fato da grande ambição que ele possuía. E uma aluna enxergou nele as marcas do sistema capitalista e concluiu que o mesmo ainda ocorre nos dias atuais:

F₄ Com certeza tá próximo. A gente percebe hoje que muitas pessoas fazem isso que ele faz, roubam. Que nem ele roubava lá na mercadoria que ele tava vendendo. Muitas pessoas fazem isso pra enriquecer e acabam enriquecendo mesmo. Como a gente vive no mundo capitalista, o que vale é o lucro.

A aluna já percebe que os ideais do sistema capitalista que envolvem e comandam as sociedades acabam gerando condutas como a de João Romão que visava altas posições sociais e financeiras. Através do personagem, a aluna pôde fazer uma avaliação do sistema político que mais domina os países e pensar nos prós e contras desse sistema.

Os alunos também não viam nele afeto. Não criam que ele viria a amar a Zumirinha ou ter os cuidados que um pai de família tem com a esposa e os filhos. Segundo eles, Romão não teria coragem de gastar o seu dinheiro com a família, então eles ficariam bem à parte como a Bertoleza ficou.

Eles mostraram-se admirados com as atitudes do personagem. Tudo o que ele foi capaz de fazer. E consideram que, atualmente, ainda existem pessoas com essa índole. Capazes de se deixarem levar pelo desejo de enriquecer.

Na relação de Miranda com Estela, os alunos manifestaram-se acerca do casamento por interesse. F₁₂ diz: “Acho que vai do valor de cada um, né? A sociedade imprime muito, em excesso, o que é certo e o que é errado. Eu acho que não deveria ser assim. Cada um sabe o que é certo pra sua vida. Não cabe a nós”. O aluno mostra-se bem liberal ao dizer que as ações de cada um devem ser baseadas não no que a sociedade diz, mas no que cada um considera como o certo a ser feito.

Já uma segunda aluna tem uma opinião bem formada e diferente de seu colega:

F₁₄ Não valeu, porque casamento é uma coisa muito importante. E é no casamento que a gente escolhe o nosso único parente. O único parente que a gente escolhe é no casamento que é o marido. Nada mais sábio que escolher certo. Não deveria ser por interesse. Lá não devia ser por interesse. Se ela realmente amava ele, ela deveria escolher ele. E eu sou contra o casamento por interesse. Porque não está certo.

Ela faz questão de registrar que é contra o casamento por interesse. Justificando que o casamento é a única ocasião em que se escolhe um parente. Dessa forma a escolha deve ser bem feita. Se valendo de critérios mais importantes, não só pensando em posição social e financeira. Nesse tema vê-se conviver duas opiniões bem distintas. O colega anterior diz que cada um faz o que quer e esta aluna tem uma opinião contrária e a expressa de forma bem contundente. Ambos mostraram seus entendimentos sem tentar impô-los aos outros.

Os alunos, assim, demonstram autonomia de pensamento a partir da leitura. Veem pontos que para eles são tidas como errôneas e as refutam, fazendo valer a sua opinião desenvolvida em relação a ação dos personagens. Conforme Cosson (2014, p.17): *Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.* Na presença do discurso do texto e

do colega, o aluno-leitor toma bases para construir e externar o senso de si mesmo. Como foi explícito na fala dos dois alunos anteriormente. A partir da vivência dos personagens Miranda e Estela e da fala dos colegas eles puderam conhecer-se e firmar o seu modo de compreender aquele assunto.

Em um dado momento da discussão em que se abordava a respeito das diferenças entre Brasil e Portugal, e o preconceito que muitos países têm em relação ao Brasil no que concerne a cultura carnavalesca, é interessante mencionar a fala de dois alunos ao se posicionarem diante dessa questão.

F₁₆ Até mesmo o pessoal do Brasil tem essa visão. O pessoal do sul acha que o pessoal do norte que a gente anda tudo mal arrumado, não faz nada. Com relação à visão do mundo o próprio Brasil se condena às vezes da maneira que é.

F₁₇ Nesse caso da visão de um país de fora, tem mais Portugal e Brasil que a relação do país que colonizou a gente, todo esse contexto aí é preconceito por parte dos próprios brasileiros.

É interessante notar a percepção que os alunos já tem a respeito da questão do preconceito. A visão preconceituosa não ocorre tanto de fora para dentro, ou seja, do que se diz lá fora, em outros países, sobre certas culturas brasileiras, mas na verdade, existe dentro do próprio país.

E falando sobre a ocasião em que os policiais invadem o cortiço de maneira agressiva. Um aluno diz que no Brasil a justiça é cega e puni mais os pobres. E ainda tem a situação dos políticos que fazem as más ações, mas não são punidos por conta do prestígio e do dinheiro que eles possuem. Seu colega concorda e conta que presenciou uma operação policial na saída de casa. Em que um militar chegou em uma viatura e já foi abordando um rapaz, empurrando-o contra a parede, em uma atitude agressiva sem dar tempo do rapaz falar algo em sua defesa.

Este leitor faz uma comparação entre a atitude dos policiais da obra, ao entrarem destruindo o cortiço, com uma situação presenciada por ele. Dessa maneira, ele rejeita essa conduta policial e pode-se dizer que ele se solidariza e se põe no lugar dos habitantes do cortiço. Os quais também sofriam com a ação deles. Os alunos, assim, constatarem que as abordagens policiais continuam truculentas, principalmente contra os mais necessitados. Porém, quando a situação envolve os ricos, os representantes da justiça mudam de ação.

Uma aluna ainda relata a tirania dos policiais em sua antiga cidade:

F₂₀ A gente vê a questão também do abuso de policiais em cidade pequena, né? Eu morava em cidade pequena e a gente vê que os policiais eles tipo se acham mesmo e até quando eles pegam esses ladrõezinhos eles começam a bater, porque não tem uma lei que vá punir eles. Tem o delegado lá, mas ele não se mete tanto. Então eles se acham no poder mesmo.

Neste ponto, em que os leitores se colocam lado a lado com o que é vivido pelo personagem e rememoram acontecimentos similares que ocorreram consigo, condiz com o que Azevedo (2004) pontua ao afirmar que a leitura literária permite essa identificação emocional entre a pessoa que lê e o texto. O que gera um espaço muito propício para as especulações e discussões feitas pelo leitor consigo mesmo e com o outro.

As experiências de vida dos leitores vêm à tona, ao se depararem com o ocorrido na obra. Já que a literatura é uma experiência a ser realizada. Precisando da interação plena do leitor com o texto, do encontro do “eu” do leitor com o da obra para, assim, elaborar-se esse conhecimento, como afirma Cosson (2014).

Outro aluno chama a atenção para a diferença de tratamento dos militares para com os negros e os brancos:

F₂₁ Outra coisa que a gente tá vendo, infelizmente. No Brasil, a gente ver a diferença de tratamento [...] que se dar de um negro para o branco. Abordagens diferentes. Por mais que isso não seja muito divulgado, mas a gente percebe isso. A gente vê a diferença de tratamento.

Ele diz que embora não seja muito divulgado nas mídias, ele está ciente de que isto ocorre. Por meio da leitura do texto, os alunos puderam lançar esse olhar para as ações policiais e puderam se reconhecer nessa questão. Colocando suas opiniões e relatando casos que já enfrentaram.

A fala deste aluno comprova o pensamento de Aguiar; Bordini (1993) quando dizem que a faixa etária da adolescência é um período no qual eles estão elaborando seus juízos de valor e ao firmar posições eles se mostram sensíveis aos problemas sociais. E procuram relatá-los e se questionam sobre o que fazer, pretendendo tomar uma posição diferente daquela posta em questão. Como no caso de distinguir as pessoas pela cor da pele. Ao abordar isto, o educando firma a sua

opinião e procura seguir uma ação que esteja em conformidade com o seu pensamento.

Em um dado momento da conversa é possível observar, pela fala de dois alunos, a aproximação que os mesmos tiveram com um dos personagens mencionado na abordagem temática: o português Jerônimo (que mata o ex de sua atual mulher, Rita baiana). Seguem as falas:

F₂₃ Não. Ele vai ficar com a culpa mesmo. Então, não vale a pena Mas olhando o lado psicológico dele pra ele vai valer a pena, porque ele vai se livrar do inimigo.

F₂₄ Porque o Jerônimo era um personagem, era um homem culto, se envolveu nessa situação e agiu. A reação dele foi uma coisa de momento. Não era da personalidade dele isso.

Analisando a fala do aluno **F₂₃** é notável a inferência profunda que ele faz ao encontrar um certo dualismo no personagem, ao crer que apesar do Jerônimo sentir culpa pelo ato infame que cometeu, “*olhando pelo psicológico*”, isto é, indo profundamente, tentando entender a mente do mesmo é possível encontrar certa satisfação por ter se livrado de um inimigo.

Enquanto que na fala seguinte é possível inferir que o aluno faz uma certa defesa ao personagem citado nas falas, quando diz que o mesmo agiu pelo momento e que ele não seria capaz de fazer isso: “Não era da personalidade dele isso”.

Conclui-se que as características dadas pelo autor logo que Jerônimo aparece na obra, que por ser português ele tinha costumes e atitudes diferentes dos brasileiros, fizeram com que esse aluno acreditasse que nada mudaria o caráter do personagem, o que de fato não ocorreu.

Na temática sobre o alcoolismo e a influência familiar resultou nos seguintes comentários:

F₂₆ Nem sempre quando você não tem o apoio da família, pai e mãe [...] você vai ser um mal caráter, mas na maioria das vezes você acaba entrando no lugar errado, no caminho errado, na verdade, por não ter o apoio da família, uma orientação.

F₂₈ O ambiente influencia o que a pessoa é. Então um ambiente em que a pessoa é drogada e você tem um filho ou uma filha. Possivelmente a criança vai seguir o mesmo caminho. Às vezes vem alguém de fora que ajuda essa criança e tenta ajudar os pais.

Pode-se notar a firmeza no pensamento dos interlocutores **F₂₆** e em especial o **F₂₈** que foi enfático em dizer “O ambiente influencia o que a pessoa é”. É possível

ver um pequeno embate de ideias, tomada de posições diferenciadas a respeito do tema. Ressalta-se, aqui, a importância da literatura em contribuir para que esses alunos firmem ainda mais suas ideias para que assim possam exercer sua cidadania de forma plena.

Pensando na situação da personagem Bertoleza, na temática escravidão. Um aluno reflete e diz que hoje existe a escravidão assalariada:

F₄₆ Escravidão hoje, o meu conceito. É a pessoa ser explorada. Então hoje em dia a gente vê uma escravidão assalariada. Eu chamo assim, tipo assim. A pessoa trabalha, ela enriquece o burguês e no final do mês ela recebe uma miséria. Ela vai viver quase na subsistência. Tipo assim, é uma exploração.

Analisando a condição de vida da Bertoleza, o aluno acredita que estas condições não existem mais hoje. No entanto, foram substituídas por outro modo de exploração. Sendo o caso dos trabalhadores, que exercem suas funções, durante longas horas por dia, mas os seus salários são irrisórios para sanar suas necessidades com largueza.

No tema prostituição, baseado nas personagens Pombinha e Leonie. Um estudante fez relação com um fato ocorrido na copa do mundo:

F₃₂ Eu tava fazendo trabalho de educação física e o professor comentando sobre a prostituição na copa do mundo. Interessante, um evento mundial onde até os hotéis propagavam isso para os jogadores, para as seleções. Que, se eles quisessem eles poderiam ter as mulheres pra eles nos quartos. É bem interessante isso. Propagando a prostituição, mas não só hotéis como a mídia também chamou atenção com isso. [...] É bem interessante.

Este estudante fica admirado, com a ação dos grandes hotéis, onde os jogadores se hospedavam. Eles próprios providenciavam esse tipo de atendimento. Um evento mundial que também estava abrindo espaço para a propagação da prostituição.

O ápice da discussão foi quando se adentrou a temática do homossexualismo, que trouxe à pauta a seguinte questão: isto é um comportamento inato ou se é aprendido. Os alunos participaram ativamente da discussão e colaboraram com seus conceitos e exemplos:

F₃₃ Já nasce e também é influenciado, porque tipo assim, eu tenho um tio que é gay e tenho um primo menor que é gay. Com certeza ele tá sendo influenciado, porque ele usa batom, sapato.

F₃₄ Mas realmente eu creio que seja o meio, por exemplo, se um rapaz chegar e viver numa casa que só tem mulheres, ele vai conviver com aquela influencia feminina. Ele vai ser mais delicado, mais educado. Por que a mulher tende a ser mais delicada que os homens. Eu tenho um primo que só tem mulher na casa dele. E ele é mais afeminado, ele diz “mas eu não sou gay”, mas ele é realmente mais afeminado.

F₃₅ Na minha opinião, vamos dizer assim, com relação ao ambiente. Uma criança, um adolescente homossexual, pelo pai não ter participado na criação do filho era mais a mãe. O pai não ensinou a jogar bola, coisas realmente masculinas. Pode ser que seja.

F₃₆ Eu acho que a pessoa não nasce assim, ela adquire com o tempo. Ou por decepção amorosa ou muitas vezes alguns adolescentes querem ser diferente, quer chamar atenção e aí acabam indo pra esse lado de homossexualismo.

F₃₇ Eu não acho que é por influencia da família, por que tipo eu assim, lá em casa é só menino, só eu de menina, mas eu não sou “sapatona”. Tipo nada a ver. Eu acho que é mais pela opção mesmo, opção da pessoa.

Em cada uma das falas apresentadas nota-se os diferentes posicionamentos e os argumentos que fundamentam as ideias. Não apenas ficam com “achismos”. Eles colocam as ideias e discorrem sobre as mesmas, sem se importar se o colega pensava de forma diferente, cada um assumiu seu posicionamento.

Este tema desencadeou um novo assunto, modelos de família. Um aluno conclui que:

F₃₈ Eu acho que é só uma questão de tempo, porque se a gente for olhar pro passado, muitas das coisas que hoje são aceitas, mas antigamente não era. E hoje já são aceitas. Então essa questão da família com dois pais, duas mães hoje assusta, mas daqui a cinquenta, sessenta anos vai ser uma coisa normal.

Este aluno se baseando em algumas questões que antes eram totalmente repudiadas e com o passar do tempo passaram a ser aceitas. Ele afirma que o mesmo vai ocorrer com a questão do homossexualismo. Com o passar do tempo, as pessoas verão essa questão com normalidade, sem causar espantos ou transtornos a ninguém.

F₃₉ Não que eu seja homofóbica. É assim, eu sou contra, mas eu também não me meto na vida dos outros. Uma coisa que eu posso dizer, família não é feita por homem com homem ou mulher com mulher. Por que como é que um homem vai gerar uma criança? Não vai ter como. Então a família não vai ser totalmente dele. Ao meu ver não seria certo colocar mãe e mãe ou pai, pai, porque isso não é uma família por mais que eles queiram. Porque esse mundo tá corrompido, porque desde antes, na época de Deus, não tem como

fazer isso. Não tem mesmo. Vai ao contrario a tudo que eu creio. É o final dos tempos.

Esta estudante enfatiza não ser homofóbica, antes de expressar sua opinião. Desejando não ser mal interpretada pelos seus colegas. E se diz contra este modelo de família, pois eles não têm condições físicas de gerarem filhos.

É a mesma situação do aluno da fala adiante. Primeiro, ele afirma não discriminar quem tenha essa atitude. E firma o seu posicionamento apreendido em seu meio familiar. Deixando claro que respeita a todos. **F₄₁** também apresenta uma opinião semelhante.

F₄₀ Eu acho que o meio que influencia, porque, vou falar no meu caso. Minha mãe é pastora, aí ela sempre me ensinou isso que, assim, pra mim homem é homem e mulher é mulher. Isso não pode acontecer. Não que eu discrimine, eu não discrimino, mas eu acho que isso não é o correto. Independente de religião. Eu respeito.

F₄₁ Eu sou contra, mas respeito. Respeito à opinião de todos, cada um emite sua opinião, mas creio que uma família não pode ser constituída por um homem com homem ou mulher com mulher. Pra mim Família é homem com mulher e somente isso. Somente isso, então eu acho que também não podem fazer filhos. Essa é a minha opinião, apesar de ser cristão, né? Eu creio nisso, esse é o meu ponto de vista.

Neste tópico a respeito da Leónie e da Pombinha, em especial na participação do A₄₀ e do A₄₁, é possível perceber que os alunos trouxeram as experiências vivenciadas dentro de casa, em outros momentos compararam conclusões.

O ato de relatar suas próprias experiências, além de comparar pensamentos e discussão de preferências é proporcionada pelo hábito da leitura, quanto mais se lê mais se pode fazer inferências a respeito de determinado tema. Ler favorece o diálogo entre os leitores e promove a troca de ideias e resultados e a oportunidade de compartilhar e aprender a respeitar no que se diverge.

Um estudante traz à tona a questão da mídia em favor da prática homossexual ao fazerem tamanha exposição desse tipo de relação:

F₄₂ É uma coisa tipo, eu tava falando se aceita ou não, como as coisas vão mudando. Acho que uma coisa que vai ajudar muito para ser aceito é a mídia. Que a gente ver filmes e novelas que é jogado pra gente, isso já ta mostrando a realidade pra gente, pras crianças, pro jovens. Então isso com o tempo, com certeza, apesar que assuste no inicio. Com certeza a gente vendo isso vai se

acostumando e daqui a sessenta anos isso vai ser a coisa mais normal do mundo.

Este estudante percebe que a mídia está sendo um veículo crucial para que o homossexualismo seja aceito. Afinal, ela é um importante instrumento para formar a opinião das massas populares. Ele compreende que através das novelas, filmes e outros artifícios que apresentam essa conduta favorecem que esse tempo de aceitação seja menor. Pois inculcando isto no cotidiano dos espectadores a familiarização será uma rápida consequência.

Uma fala que chamou a atenção foi de uma aluna que demonstrou seu pensamento se colocando no lugar do outro. Pensando como poderia ser a vida das crianças adotadas por famílias homoafetivas. Como eles poderiam ver essa situação. Ela aponta que estes não são consultados quanto a isso.

F₄₃ Eu discordo totalmente, porque se fosse eu, me colocando no lugar, eu não gostaria de ser criada por dois homens, eu acharia errado, nem por duas mulheres também. Primeiro que esse casal só pensa neles, não pensa no filho. Eu acho que eles só pensam no desejo deles. Porque essa criança seria criada sem amor de mãe, que pra mim é fundamental, eu não gostaria, porque por mais que eles tivessem carinho, mas não seria igual.

F₄₄ Uma coisa também em relação ao homossexualismo é o constrangimento que a criança vai passar, porque se ela for criada por dois homens, durante o ano tem a festa do dia das mães. No dia das mães na escola, vai um homem lá como mãe da criança?

F₄₅ Eu acho assim que cada pessoa escolhe o que quer da vida. Se a pessoa quer ter assim dois pais, a pessoa escolhe o que quer da vida, claro que a criança vai passar, porque existe muito preconceito. Mas o respeito, acho que é a base de tudo. Assim como eu quero respeito, eu vou respeitar o outro também.

É interessante, neste ponto, uma vez que os alunos expressam suas opiniões de forma divergente, mas sem menosprezar a opinião dos outros, lembrar Paiva (2004), que diz que a leitura literária “democratiza” o leitor, pois faz com que o homem conheça melhor tudo que está a sua volta, a sociedade, as diversidades, o que o torna mais compreensível e tolerante.

Ao ampliar seu conhecimento a respeito do mundo, o leitor consegue ampliar também suas ideias e assim entender que devido a grande diversidade que existe

no mundo os pensamentos nem sempre serão semelhantes. E que, por isso, é preciso aprender a lidar com os pensamentos divergentes.

É possível observar que esta fala de Paiva se concretiza nesse momento da discussão. Os alunos na sua maioria se posicionaram de forma desfavorável a união homoafetiva, cada um apresentando sua razão. Os que na maioria disseram não ser a favor demonstravam respeito às falas dos outros colegas, tanto que nas falas há o uso constante da palavra respeito.

Assim, em todo o decorrer da discussão sobre a obra, os alunos fizeram questão de deixar registradas suas opiniões e exemplos. Sempre procurando deixar claro o respeito que possuíam para com a fala dos colegas. Mesmo que eles fossem contrários ao pensamento deles, eles não menosprezavam ou tentavam fazê-los mudar de opinião. Firmavam suas convicções sem denegrir a do próximo.

Confirmando o que foi dito no início com a fala de Cosson (2014, p.68) há dois princípios muito importantes que precisam ser seguidos na formação do leitor. O primeiro, é necessário que o aluno tenha um tempo para refletir sobre a leitura da obra, para que tenha a liberdade de elaborar suas próprias inferências a respeito do que está lendo; e segundo, o aluno precisa ter a oportunidade para externalizar “de forma explícita” as reflexões que construiu a partir da leitura da obra literária, para que assim possa se firmar um bom diálogo, com respeito e sabendo ouvir a posição dos outros.

Isto confirma o fato da literatura favorecer a participação do leitor em sociedade de forma efetiva, não se esquivando diante de assuntos que causam reboliços, mas sabendo se posicionar, ouvir e respeitar o pensamento do próximo. Lajolo (1993) confirma a importante contribuição que a literatura possibilita ao educando, pois, a partir do momento que o aluno domine a linguagem literária, saiba como manejá-la, ele é capaz de ser um cidadão que pode exercer seu papel de forma ativa e atuante na sociedade.

Assim sendo, as opiniões vistas acima ratificam que a literatura engloba muitos saberes, já que o texto ficcional se apropria das referências da realidade, como confirma Aguiar (2013). Nessa conversa, os alunos puderam discutir assuntos humanos muito relevantes para a sociedade. Não negligenciaram em tocar em temas que muitos evitam e nem se constrangeram em posicionar-se ante eles, mesmo que as suas opiniões fizessem parte da minoria. A literatura proporcionou isto a eles, pois ela trata com liberdade os assuntos humanos, não com imposições.

E estas trocas de pensamentos a cerca dos temas asseguram o “espaço subjetivo” falado por Rouxel (2013), onde os “textos dos leitores”, escritos através de suas experiências, confrontam-se, combinam-se com as dos demais leitores. Assim, reafirma-se a necessidade de ter esse espaço na sala de aula, onde estas construções possam fruir por meio do debate, da polissemia e da “metamorfose” do pensamento.

Pois, a leitura é uma interação produtiva, como afirmou Jouve (2002), que do encontro do leitor com o texto os produtos são variados. O leitor passa a se conhecer, refletir sobre várias questões e reelaborar seus conceitos e condutas. Passando a ter um conhecimento diversificado, pronto a lidar melhor com a diversidade encontrada.

Reiterando, também, a fala de Cosson (2014), que diz que a leitura e a discussão são imprescindíveis em sala de aula e o aluno deve ter a oportunidade de refletir e externalizar com plena liberdade sobre a obra lida.

Dessa forma a discussão foi um momento para isto. Para que os alunos partilhassem e refletissem sobre suas leituras. Os educandos puderam expressar suas opiniões acerca da obra e também dos temas que emanaram dela. Temas estes que os fizeram pensar acerca da política, da postura policial, e tantas outras conjunturas fomentadas por estes leitores.

Esse espaço para exporem seus entendimentos e ouvirem os dos outros é muito significativo para que eles construam e firmem suas convicções, além de formar o seu caráter e personalidade. Isto ficou visível nas opiniões bem diferentes dadas, pois cada um tinha uma experiência de vida que respaldava essa concepção. Como, por exemplo, houve quem concordasse com a posição matrimonial vivida por Miranda e Estela na obra. Mas também houve quem repelisse completamente esta ação.

O compartilhar leituras, não é um debate para saber quem está pensando certo. É uma ocasião para se conhecer mais das perspectivas de cada pessoa. Pois, o colega, de repente, consegue ver o personagem por um viés que aquele outro aluno não viu. Os estudantes se sentirão com liberdade para se expressarem conforme as permissões do texto literário. Não tendo as suas apreensões tolhidas, mas ouvidas e consideradas.

Assim, os educandos puderam se conhecer e conhecer mais do outro. Isto é pertinente pelo fato da literatura ser um produto social, o seu uso também deve ser

em comunidade. Nesse caso, uma comunidade de leitores, seus colegas, que com esta troca de conhecimentos e experiências enriquecem a fruição do texto ainda mais por conta da heterogeneidade da turma. Como foi possível perceber nos dados levantados, cada aluno manifestou o que é natural de si, o qual foi construído do resultado de suas vivências.

Luzia de Maria (2002, p.24) confirma que: *a experiência sempre resulta em aprendizado, em mais opções e possibilidades na busca de respostas aos desafios, em melhores condições para a compreensão, não apenas de textos, mas de fatos e fenômenos da própria vida*. Portanto, estes leitores, tendo oportunidades como essa, irão construir e lidar melhor com as diversidades encontradas no futuro. Pois, já estão sendo embasados nas leituras feitas, na convivência e no diálogo com leitores.

Os alunos também puderam perceber que a reflexão literária não é para seres “iluminados”, mas para todos. Usufruindo da leitura, reflexão e da troca de impressões com os colegas, eles colhem os frutos da experiência literária firmando posições, mostrando-se sensíveis aos problemas sociais, interrogando-se sobre o que fazer. Enfim, envolvem-se com o mundo de possibilidades apresentados por meio da literatura.

Com isto pretende-se cumprir o objetivo destinado ao estudo literário, como foi definido por Annie Rouxel (2013), sendo: a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico. Esse leitor que interage e constrói o seu sentido, que se envolve na leitura e produz conhecimento desse encontro com o texto.

Esta turma acompanhada tem as suas dificuldades quanto ao uso do texto literário em sala de aula e podem até não conhecer os objetivos de estudar literatura. No entanto, estes alunos estão receptivos ao encontro real com o texto literário. E são capazes de se tornarem leitores ativos. Muitos deles já provaram serem leitores destacando suas obras preferidas e reconhecendo a importância delas para a sua vida.

A leitura literária teve o poder de despertar o interesse e o diálogo até naqueles que diziam não gostar de ler e nem apresentaram títulos lidos. Os conflitos vivenciados na obra fizeram com que eles rememorassem os seus, se tomassem como exemplo, externando o seu “eu” e conhecendo o dos outros.

As apreensões desenvolvidas pelos educandos foram proporcionadas pelo contato com a obra literária e também pelo espaço dado a eles para que se

pronunciassem acerca dela e trocassem experiência com os colegas. Para isso é necessário que a escola conserve um ambiente aberto e propício para o cruzamento de opiniões e não vede o diálogo.

Desta maneira, ratifica-se o que foi dito por Prado (1999) que a leitura é uma forma de poder, pois por meio dela compreende-se o mundo e essa compreensão traz cidadania, porque o leitor estará mais guarnecido das questões que o permeiam e pronto a agir para com elas. E nesse sentido, Maria (2002) traz a seguinte reflexão: os professores estão educando para o silêncio ou para o diálogo? As aulas de literatura devem levar isso em conta e não deixar que seus alunos se calem.

O ensino literário deve propiciar a formação de leitores cidadãos que dialogam consigo, com o outro, com o passado, com o futuro. Gerando indivíduos que não se alinham a guiarem-se mudos ante a voz da aparente autoridade, sem questionar, investigar e “ler” aquele discurso, para sim dar a sua palavra final.

Portanto, o ensino-aprendizagem de literatura é vital para todos. O exercício crítico da leitura literária traz educação, que pode ser definida como a compreensão do homem e do mundo. Se a sociedade quer manter-se estável e habilitada a proceder bem, não pode deixar de lado a formação literária que atua de dentro para fora. Parte do “eu” do leitor para a sua ação no mundo.

É esse convívio com a obra literária que a disciplina literatura promove, despertando essas construções essenciais a todos. Essa relação deve ser contínua, pois: *a cada novo texto que lemos, a cada novo conhecimento que adquirimos, a cada experiência que vivemos, melhores leitores nos tornamos. Sempre aprendizes, a cada dia melhores aprendizes* (MARIA, 2002, p.22).

E assim nessa constante troca ele se reestrutura, encenando seus complexos, vontades, desilusões, sonhos, virtudes e defeitos nas páginas do livro. Contribuindo para que ele se torne um cidadão apto a construir, a julgar e a agir de forma mais consciente e justa em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi discutido, a leitura, e em especial, a leitura literária é uma prática essencial em virtude dela proporcionar ao leitor uma personalidade mais sensível e aberta ao seu próximo e ao mundo. Isto advém do encontro consigo mesmo e com o outro nas páginas literárias, onde a vivência daqueles acontecimentos geram-lhe frutos por meio da comparação de ideias e da tomada de posição ante eles. Dessa forma, o leitor interage com a obra tornando-se um ser humano mais refinado a refletir e agir em sociedade, pois pensam e analisam criticamente, não sendo pessoas alienadas e facilmente influenciadas pela maioria.

A pesquisa mostrou que a obra literária contribui de forma grandiosa nesse desenvolvimento do pensamento crítico do indivíduo, ajudando-o a posicionar-se diante de problemas e conseguir externar seu pensamento. Também comprovou-se que o aluno está receptível para conhecer novas obras e, dependendo da metodologia que o professor utiliza, ele pode ter resultados promissores.

É certo que, na maioria das vezes não é bem essa a realidade encontrada no ambiente escolar, visto que, a maioria dos jovens, hoje em dia, querem mais distância dos livros que se aproximar deles, o que complica mais o trabalho do professor que deve e precisa buscar soluções para que consiga ao menos, amenizar essa situação.

Como o caso dos alunos acompanhados que demonstraram ter certas dificuldades com a realização dessa atividade. Uns a rejeitaram, outros a realizaram com satisfação. Apesar disso, foi possível observar que a leitura literária ainda pode encontrar espaço para adentrar na vida desses adolescentes. Notou-se que parte deles tem seus livros favoritos e estão desenvolvendo suas preferências. E quando foi dada a obra a eles, os mesmos puderam satisfazer-se da leitura e reconhecer o seu mundo no mundo vivido na obra, até mesmo aqueles que se diziam avessos a ela. No momento da discussão, mostraram-se envolvidos com a história dos personagens e exemplificaram questões envolvendo-se nelas.

Isto prova que a literatura pode muito em seus efeitos, mas para isso ela precisa ser vivida. E esta turma, no seu dia a dia, não a estava vivenciando plenamente. Pois na disciplina literatura, na qual a leitura das obras deve ser posta em evidencia e ser devidamente trabalhada, não estava cumprido o desejado. Os

alunos a viam como mais uma disciplina do currículo. E a leitura de obras, que devia ocorrer, era deixada de lado, dando lugar a outros artifícios.

No entanto, durante o pouco mais de um mês passados na turma, comprovou-se que a boa relação com o texto literário pode ser reestabelecida. Os alunos poderão ler esses romances, contos, poemas e crônicas e saber a importância delas para sua vida, não porque os outros a disseram, mas porque eles mesmos comprovaram através da sua leitura.

Este estudo comprovou que as velhas práticas podem ser mudadas e o centro da disciplina pode voltar a ser a leitura literária. Dessa forma, reafirma-se que para isto, basta volta-se para o âmago do estudo literário e efetivar a leitura e a reflexão dos textos. Pois, todas as pessoas são capazes de conhecer, apreender e fruir algo das obras, tornando-se um ávido leitor. Afinal, a literatura se constrói dos profundos conteúdos humanos, como é dito por Aguiar (2013). E essa prática não é para seres iluminados, mas para iluminar cada vida que a ela se dispõe.

Portanto, não se pode admitir que uma atividade tão promissora quanto esta seja ignorada. E os educadores devem a cada dia mais colocá-la em evidência. Pois, esse será um grande passo na busca de se alcançar uma sociedade mais igualitária, compreensível, justa e solidária que sabe impor-se e se justificar sem provocar dano ao outro. Pois, a base de seus princípios foram construídas a partir do respeito e da sensibilidade às diferenças os quais foram apreendidos e despertados pelo vivenciar das mais dessemelhantes situações e personagens nas páginas literárias.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **A literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O saldo da leitura**. In.: DALVI, Maria; REZENDE, Neide; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **A formação do leitor literário**. In.: PINHEIRO, Alexandra Santos; RAMOS, Flavia Brocchetto (Orgs.). **Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2013.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**.-18ª ed.- Campinas, SP: Papyrus, 2012

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. In.: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. 1º ed. São Paulo: DCL, 2004.

BRAIT, Beth. **Estudos linguísticos e estudos literários: fronteiras na teoria e na vida**. In.: FREITAS, Alice Cunha de; CASTRO, Maria de Fatima F. Guilherme (Orgs.). **Lingua e Literatura: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2003.

BRITTO. L. P. Luís. **Máximas Impertinentes**. In.: PRADO, Jason (Org.); CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro : Argus, 1999. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/54404535/Jason-Prado-Paulo-Condini-A-Formacao-do-Leitor-pdf-rev#scribd>> Acessado em 09/03/2015
CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e historia**. 8ª ed. São Paulo T.A Queiroz, 2000.

CHARTIER, Roger; CAVALLO. Guglielmo. In.: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. (Orgs.). **Historia de la lectura en el mundo occidental**. Traduzido por: María Barberán, Mari Pepa Palomero, Fernando Borrajo, Cristina García Ohlrich. Madrid. Taurus, Alfangara, S.A. 200. V1, 2001. Disponível em: <Minhateca.com.br/smoleck1917/Galeria/LIVROS+DIVERSOS/HISTORIA/HISTORIA+HISTORIA+DA+LEITURA+NO+MUNDO+OCIDENTAL,110282749.pdf>. Acessado em 10/03/2015

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto,2014.

CRUZ, Andreia Cristina. **Oficina de leitura e a formação do leitor: a recepção do texto literário por adolescentes de uma instituição não governamental do noroeste do Paraná**. Maringá, Universidade Estadual de Maringá. 139 f. Tese de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, 2008. DOMÍNIO PÚBLICO. Disponível em <

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp065107.pdf>> acessado em 25/02/2015

DALVI, Maria Amélia. **Literatura na escola propostas didático-metodológicas**. In.: DALVI, Maria; REZENDE, Neide; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DENIPOTI, Cláudio Luíz. **Apontamentos sobre a história da leitura**. HISTÓRIA & ENSINO, Londrina, 02: 81-91, 1996. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/download/.../11096 . Acessado em 05/11/2015

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, Curitiba, n.16, p.181-191, 2000. Disponível em: http://redenep.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_acao.pdf Acessado em 16/04/15.

FARIA, Vitória Líbia Barreto de. **Memórias de leitura e educação infantil**. In.: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). Caminhos para a formação do leitor. 1º ed. São Paulo: DCL, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez e Associados, 1989.

JOUVE, Vicent. **A leitura**; tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo-SP Ática, 1991.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura; Literatura e escola**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALARD, Leticia. **Ensino e Literatura no 2º grau: problemas e perspectivas**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1985.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIA, Luzia de. **Leitura e colheita: livros, leitura e formação de leitores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PAIVA, Aparecida (Org.). **Democratizando a leitura: pesquisa e praticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRADO, A. G. Iara. **Para formar leitores na escola**. In.: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs.). A formação do leitor: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/54404535/Jason-Prado-Paulo-Condini-A-Formacao-do-Leitor-pdf-rev#scribd>> Acessado em 09/03/2015

Fundação pró Livro; IBOPE. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em:<<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2012.pdf>> Acessado em: 01/03/2015

ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino de literatura**. In.: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de ; RITA, Jover-Faleiros. **Leitura de literatura na escola** (Orgs.). – São Paulo, SP: Parábola, 2013.

SHMIDT, Mário Furley. **Nova história crítica**. São Paulo : Nova Geração, 1999
THIOLLENT, Michel, 1947. **Metodologia da pesquisa-ação**.- 10^a ed.- São Paulo : Cortez : Autores associados, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura, escola e leitura**. In.: SANTOS, Josalva Fabiana; OLIVEIRA, Luiz Eduardo (Orgs.). **Literatura & Ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008.

APENDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

ACADÊMICAS: Débora Soares e Evelen Lazamé

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

Prezado (a) professor (a) somos estudante do 9º semestre de Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, e estamos fazendo uma pesquisa. Precisamos de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário pretendemos verificar ações e concepções acerca do texto literário no ambiente escolar. Desde já agradecemos a colaboração e garantimos o sigilo dos dados.

IDENTIFICAÇÃO: Idade: _____ Sexo: masculino () Feminino ()

- Responda ou marque conforme solicitado na questão.

1. Há quantos anos exerce a profissão de professor de Literatura?

2. Grau de formação escolar?

3. Como define a condição econômica e social de seus alunos?

4. Seus alunos são leitores proficientes (decodificam e compreendem os textos)?

Metade da turma () Menos da metade da turma () Mais da metade da turma ()

5. Ao seu entender, qual a importância da leitura?

6. Na sua percepção, qual ou quais os objetivos do ensino de Literatura?

7. Como são as suas aulas de literatura (didática, métodos)?

8. Na sua concepção, qual a função do texto literário?

9. Com que frequência utiliza o texto literário em sala de aula?

Nunca ()

Às vezes ()

Sempre ()

10. Como utiliza o texto literário em sala de aula?

11. Quais as dificuldades de se trabalhar o texto literário em sala de aula?

12. Como avalia a interação dos alunos com a obra literária?

Péssima ()

Regular ()

Boa ()

Ótima ()

13. Você avalia os seus alunos como leitores críticos?

Sim ()

Não ()

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

ACADÊMICAS: Débora Soares e Evelem Lazamé

QUESTIONÁRIO DO ALUNO

Prezado (a) aluno (a) somos estudantes do 9º semestre de Licenciatura em Letras- Inglês da Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, e estamos fazendo uma pesquisa. Precisamos de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário pretendemos verificar ações e concepções acerca do texto literário no ambiente escolar. Desde já agradecemos a colaboração e garantimos o sigilo dos dados.

IDENTIFICAÇÃO:

Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Série: _____

- Responda e marque conforme o que for pedido:

1. Cidade e bairro onde reside.

2. Profissão dos pais ou responsáveis:

3. Para você, ler é:

() uma obrigação escolar

() um prazer

() uma forma de aprender

() um passatempo

4. Você gosta de ler?

Sim ()

Não ()

Às vezes ()

5. O que você costuma ler (livros, revistas, sites da internet...)?

6. Quais obras literárias você já leu? Cite algumas. (Exemplo: Auto da barca do inferno, Os Lusíadas, Dom casmurro, O crime do Padre Amaro).

7. Com que frequência é lido ou discutido o texto literário (poemas, contos, romance...) em sala de aula?

Nunca ()

Às vezes ()

Sempre ()

8. Que livro você mais gostou de ter lido até hoje? Por quê?

9. Para você, qual o objetivo de se estudar a matéria Literatura?
